LUCAS FELIPE DE AMBRÓSIO RIBEIRO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

A RELAÇÃO ENTRE INTEGRALISMO E FASCISMO NOS PERIÓDICOS INTEGRALISTAS: *O INTEGRALISTA (1932 – 1936), MONITOR INTEGRALISTA* (1933-1937) E *O AÇO VERDE (1935)*

GUARULHOS
2017

LUCAS FELIPE DE AMBRÓSIO RIBEIRO

A RELAÇÃO ENTRE INTEGRALISMO E FASCISMO NOS PERIÓDICOS INTEGRALISTAS: *O INTEGRALISTA (1932 – 1936), MONITOR INTEGRALISTA* (1933-1937) E *O AÇO VERDE (1935)*

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História
Orientação: Luigi Biondi

GUARULHOS
2017

Ribeiro, Lucas.

A Relação entre Integralismo e Fascismo nos periódicos integralistas: *O Integralista* (1932 – 1936), *Monitor Integralista* (1933-1937) e *O Aço Verde* (1935) / Lucas Ribeiro. – 2017.
2 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado/Licenciatura em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos,2017.
Orientação: Luigi Biondi.

1. Integralismo. 2. Fascsimo. 3. Nacionalismo. I. Luigi Biondi. II. Doutor.

LUCAS FELIPE DE AMBRÓSIO RIBEIRO

A RELAÇÃO ENTRE INTEGRALISMO E FASCISMO NOS PERIÓDICOS INTEGRALISTAS:
O INTEGRALISTA (1932 – 1936), MONITOR INTEGRALISTA (1933-1937) E *O AÇO VERDE (1935*

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História
Orientação: Luigi Biondi

Aprovação: ____/____/________

Prof. Dr. Luigi Biondi

Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Edilene Teresinha Toledo
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Luis Antonio Coelho Ferla
Universidade Federal de São Paulo

Para minha mãe, minha maior professora de
história.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres de minha vida: minha mãe, minhas irmãs, primas, tias e minha avó, as quais agradecimentos não bastam.

Agradecimentos ao programa PIBIC, que por dois anos fomentou a pesquisa que resultou nesta monografia; à professora Edilene Toledo, que me incentivou a iniciar os estudos na área e ao professor Luigi Biondi, pela paciência, tempo e conhecimento compartilhado.

Aos demais, incontáveis, que tornaram essa jornada mais rica em experiências e saberes, meu carinho.

Um agradecimento especial aos que, além de me incentivaram a lutar, me proporcionaram as oportunidades que foram negadas aos meus pais e avós, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Roussef.

Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista.

(Humberto Eco, “O Fascismo Eterno”)

RESUMO

No período entreguerras, enquanto se estabelecia na Europa o programa fascista, no Brasil rompia-se com a Primeira República, permitindo a ascensão de Vargas, e o crescimento da Ação Integralista Brasileira, pautada no extremo-conservadorismo, na defesa do nacionalismo, do Estado Integral e da Revolução Espiritual. Conforme objetivado, analisaremos, além de vasta bibliografia sobre o assunto, três periódicos oficiais da AIB, que acompanham do início até a proibição do movimento, *O Integralista* (1932-1936), *O Monitor Integralista* (1933 – 1937) e *O Aço Verde* (1935), buscando discursos que estabeleçam elo entre os fascismos e o integralismo, refutando, assim, a tese nacionalista de independência do programa integralista, que negava qualquer relação com o fascismo.

Palavras-chaves:

Integralismo; Fascismo; Nacionalismo.

RESUMEN

En el período entreguerras, mientras se establecía en Europa el programa fascista, en Brasil se rompía con la Primera República, permitiendo el ascenso de Vargas, y el crecimiento de la Ação Integralista Brasileira, pautada en el extremo conservador, en la defensa del nacionalismo, del Estado Integral y de la Revolución Espiritual. Conforme a lo objetivado, analizaremos, además de una vasta bibliografía sobre el asunto, tres periódicos oficiales de la AIB, que acompañan al inicio hasta la prohibición del movimiento, *O Integralista* (1932-1936), *O Monitor Integralista* (1933 – 1937) e *O Aço Verde* (1935), buscando discursos que establezcan el vínculo entre los fascismos y el integralismo, refutando así la tesis nacionalista de independencia del programa integralista, que negaba cualquier relación con el fascismo.

Palabras clave:

Integralismo; Fascismo; nacionalismo.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: O MOVIMENTO INTEGRALISTA: ASPECTOS GERAIS E HISTORIOGRAFIA.

> Daremos o Brasil aos brasileiros, porque somos, de acordo com as regras eternas da natureza, violentamente nacionalistas. Proclamaremos o perene reinado do espirito sob a matéria. Basearemos todos os nossos atos em princípios cristãos, porque o cristianismo, como o demonstra a história dos povos, é o mais seguro orientador dos homens. Temos, a nos guiar, a pureza de nosso patriotismo, a ânsia de agir bem, a sinceridade de nossa fé, e o vibrante entusiasmo da nossa juventude[1].

O presente trabalho, resultado de dois anos de pesquisa fomentadas pelo projeto PIBIC[2], tem como objetivo analisar as relações do regime fascista italiano com o movimento Integralista, principal e maior movimento/partido com aspirações fascistas[3] na América Latina, surgido na década de 1930, e que contou com mais de um milhão de inscritos em suas fileiras[4]. Embora esse número possa ser contestado por se tratar de índices contidos numa publicação integralista que, definitivamente, buscava propagar a grandiosidade do movimento, obras como a de Araújo (1988) abordam a grande estrutura partidária que se formara no decorrer dos anos em cerca de 540 municípios brasileiros, onde se encontravam quatrocentos mil adeptos organizados em mil cento e vinte e três grupos integralistas.

O nacionalismo integralista, pautado na "fonte do espirito nacional[5]" que se encontra no culto a história e tradição brasileira, visa a hegemonia do nacional e a criação de alternativas pautadas na tradição, de modo a dirigir o futuro. Assim como o fascismo, exaltam a juventude[6], a luta[7], a violência[8] e a virilidade.

---

[1] *O Aço Verde,* São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p.5

[2] Iniciação Científica realizada entre 2014 e 2016, com processo 24128/2015-7

[3] Hélgio Trindade em sua obra "O nazi-fascismo na América Latina", 2004, defende a tese de que embora as questões sobre a possível existência de movimentos políticos na América Latina autenticamente fascistas seja complexa, o caso da AIB é a que mais atende aos pré-requisitos de uma organização claramente baseada no fascismo.

[4] Segundo o *Monitor Integralista* nº 22, de outubro de 1937, página 4, o total de inscrições chegava a 1.352.000 em 1937, contando com 210.000 adeptos em São Paulo, 180.000 na Bahia e 150.000 em Santa Catarina, as três maiores províncias integralistas. Fato relevante é que o número de adeptos em 1933, ano de inauguração da AIB, correspondia apenas a 20.000; 67 vezes menor do que os números alcançados em 4 anos.

[5] TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979, p. 98

[6] "Nós levaremos nossa mocidade aos espíritos que envelheceram. A guerra que travamos é da eterna juventude". *O Aço Verde,* São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p.5

[7] "Não vos sentir envergonhados, vendo os integralistas morrerem em praça pública (...) para fortalecer com o seu heroísmo o Exército Verde, que é constituído de soldados de deus e da pátria? (...)". *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2 Mai. 1935, p. 3

[8] "Por isso a época tumultuada da construção violenta de um novo mundo é a época da verdadeira felicidade, da felicidade surgida dos sentimentos supremos". *O Aço Verde,* São Paulo, Ano I, nº 2 Mai. 1935, p. 3

O período entreguerras auxiliou na propagação de ideais que combatiam os estados liberais de então, cujos alicerces eram a democracia representativa e a mínima intervenção do Estado no mercado. Ao mesmo tempo, propunham soluções de transformação social fundamentalmente opostas à tradição socialdemocrata e ao novo modelo de marxismo soviético. Todos esses movimentos fascistas se espelhavam na crítica ao modelo de estado liberal em voga, uma vez que a situação econômica e social se encontrava num cenário delicado. Essas experiências fascistas “cresceram em ritmos diferentes e tiveram diferentes graus de sucesso”, para Paxton (2007, p.132), pois suas diferenças não residiam principalmente nos movimentos em si, mas, de forma significativa, nas oportunidades que os ambientes em que estavam inseridos ofereciam para que se desenvolvessem.

Enquanto na direita internacional passava a se difundir a proposta fascista, na esquerda socialista crescia o fascínio para com o comunismo, após a experiência revolucionária na Rússia. Dava-se início a mais um dos pontos de rejeição por parte do imaginário fascista, ou seja, a luta contra o avanço do comunismo, que, assim como o liberalismo democrático, era tratado como inimigo da nação, já que representava através da luta de classes e seu projeto internacionalista, a destruição da propriedade privada e a superação das ideologias de supremacia nacional (HOBSBAWN , 1995).

O fascismo propagava essas proposições, tendo como alicerce o conceito da pátria como um corpo, onde deveria haver uma homogeneização dos interesses da nação que passaria a estar acima dos interesses particulares, uma forma de absorção do social pelo nacional, segundo Konder (1977, p.36), para impedir a exploração e consequente enfraquecimento da pátria por outras nações ou pensamentos políticos.

Desde após a primeira Grande Guerra, os planos econômicos e sociais passaram por profundas transformações, já que a intensificação da industrialização e a aceleração dos processos urbanos e industriais, incorporando novas camadas urbanas à luta política e social, resultou num acirramento da luta social e na mutação ideológica das camadas sociais (TRINDADE, 1979, p.16).

A situação de tensão social encontrada nas décadas do século XX situadas entre duas grandes guerras foi favorável para o fomento de regimes autoritários, que através da suspensão de liberdades buscavam a restauração da ordem. Além do mais, democracias ainda frágeis, como no caso italiano, possibilitariam, para Bobbio (2007), o advento dessas supressões da liberdade.

No entanto, segundo Trindade (1979, p. 23-27), esta luta política no início da década de 20 estava restrita, no Brasil, basicamente, aos conflitos entre as oligarquias dominantes, e às

esporádicas insurreições de jovens oficias contestadores. Somente com o desenvolvimento da consciência política das classes médias urbanas no entre guerras, que é possível aliar os anseios de dissidentes das elites e a radicalização das classes médias, proporcionando o processo revolucionário de 30. Todos os conflitos e rebeliões visavam mudanças políticas no Estado, sem ocasionar, contudo, mudanças nas participações das massas populares neste processo.

O Brasil passava por forte processo de efervescência social, cultural e política, marcados por sérias transformações, com uma série de revoltas, golpes e novos programas políticos. Encontrava-se em franco desenvolvimento no país diversas correntes intelectuais sobre a busca da brasilidade. Essa busca correspondia a uma tentativa de organização da nação, de modo que proporcionasse uma “regeneração” dos valores do país, pautados em supostos autênticos valores da identidade brasileira que deveriam formar uma natural “vocação de grandeza” do Brasil (FREITAS, 1998, p.25).

No que concerne às aspirações intelectuais, era fomentada o debate acerca do pensamento nacional, de forma a buscar além da origem do brasileiro – contempladas por diversos ensaios do movimento Modernista[9]-, um pensamento autônomo que se propusesse a solucionar os problemas nacionais de maneira original, sem se amparar em modelos exógenos. Estas preocupações encontram-se no amago do nacionalismo integralista.

> A geração de 22 se caracteriza numa primeira fase (1922-1930), por sua ruptura com o passado pelo interesse crescente pela política em detrimento das preocupações exclusivamente estéticas. As opções políticas dos modernistas se distribuem tanto na esquerda como na direita, da mesma forma que na Europa certos futuristas italianos inclinam-se para o fascismo e a maior parte dos “surrealistas” franceses para a extrema-esquerda. Apesar estas diferenças nas tendências ideológicas, há um fundo comum a todos eles, que é o nacionalismo. (TRINDADE, 1979, p.49)

Influenciados pela situação política e social do cenário internacional, diversas ideias e conceitos passaram a se propagar entre as discussões acerca do desenvolvimento nacional e da identidade do país. Dentre elas, ideias autoritárias faziam presença entre diversas alas intelectuais da sociedade.

---

[9] “O próprio Plínio ressalta o efeito produzido pelo Modernismo sobre sua geração: “A revolução literária e artística de 1922-1923 teve o mérito de acender um chamejante espírito de rebeldia, com o qual iniciávamos a derrubada dos velhos cultores da forma, quebrando (...) o ritmo político do país”. ” TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. 2ª Edição revista e ampliada. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. p. 49

No campo político, a sociedade brasileira passava pela ruptura do antigo regime da República Velha, dada através de um golpe que resultou na "Revolução de 30", dando início a reformas em praticamente em todas as características do sistema político e da estrutura administrativa. Para Skidmore (1982, p. 25-26), essa revolução se deu por conta do anseio político de revisão do sistema vigente, que originou em diversas propostas que fomentavam o debate político até então. Segundo o autor, este anseio resultou em "sete anos de agitada improvisação, incluindo uma revolta regionalista em São Paulo, uma nova Constituição, um movimento de frente popular, um movimento fascista e uma tentativa de golpe comunista".

Vale ressaltar que anteriormente ao início do governo Vargas até o processo que acarretou na efetivação do golpe do Estado Novo, as correntes autoritárias já possuíam voz em defesa de regimes ditatoriais e autoritários, como única forma de permitir o desenvolvimento necessário para a modernização nacional, além de estendidos debates em torno do combate ao socialismo e ao comunismo.

É neste período da década de 30 que passam a ascender diversos ideais radicais do espectro direitista, como a organização da Ação Social Brasileira, Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacionalista Sindicalista, e o movimento monarquista Ação Imperial Patrionovista, além da própria Ação Integralista Brasileira[10].

A situação política era bastante diversificada, com grupos heterogêneos defendendo diversas "soluções", principalmente após a formalização do novo sistema político. Segundo Skidmore (1982, p. 26-27) havia grupos constitucionalistas, que defendiam ideais liberais clássicos; nacionalistas semi-autoritários, visando a "regeneração nacional" e a modernização, representados pelo movimento tenentista; uma esquerda revolucionaria fragmentada, muito embora em certa etapa passasse a se avolumar em torno da Aliança Nacional Libertadora e sua frente popular comunista; e os radicais de direita, que desde 1932 passaram a encontrar no Integralismo aparatos contra os problemas econômicos e políticos nacionais.

Porém, os críticos posteriores a 1930 realizaram poucas tentativas de remediar a condição nacional através de medidas e estratégias especificas de reforma, e, para Levine (1980, p. 51), acabaram se juntando a um dos dois movimentos que advogavam mudanças drásticas durante o período: a Ação Integralista e Aliança Nacional Libertadora.

---

[10] Segundo Tavares as "quatro organizações existentes no país aproximar-se-ão, para depois fundirem-se ou continuar atuando autonomamente, mas todas elas contribuindo para o nascimento da Ação integralista Brasileira". TAVARES, José Nilo. *Conciliação e radicalização política no Brasil.* Rio de Janeiro: Vozes, 1992. p. 191

Plínio Salgado, jornalista e escritor, foi membro do Partido Republicano Paulista até meados da "Revolução de 30", quando rompe com a "experiência política tradicional" e parte atrás de uma "revolução", que ganha propulsão principalmente após sua viagem para Itália e seu encontro com o Duce. É a partir daí que Salgado passa a realizar um "diagnóstico da situação brasileira" e passa a desenvolver a doutrina Integralista, após breve fundação da Sociedade de Estudos Políticos em março de 1932, que mobilizou e articulou intelectuais e movimentos esparsos da extrema-direita brasileira, tendo em sua terceira reunião iniciado a formulação da Ação Integralista e do Manifesto Integralista, publicado em outubro de 1932, que originara a fundação da Ação Integralista, dando origem ao "principal partido da extrema-direita fascizante dos anos 30 em busca de poder político", segundo Trindade (1979, p. 124-132). Para Medeiros,

> A inexistência nos anos 20 e 30 de um efetivo, organizado e permanente movimento operário sindicalista, de esquerda ou não, parece-nos ter certamente contribuído para tornar desnecessária uma ação pratica política da direita como acontecera na Itália e Alemanha. Esta "folga" é que teria possibilitado a um intelectual [Salgado] e não a um político militante, dedicar-se à formulação "previa" de uma doutrina, isto também indica, por si só, que o alvo a atingir, em nosso caso, estava muito mais em nossa intelectualidade e setores médios – realmente mobilizados e angustiados – do que em nosso incipiente proletariado e classes populares. (MEDEIROS, 1978, p. 559)

A AIB surgira em 1932, defendendo, sobretudo através dos ideais de seu principal criador, Plínio Salgado, um Estado forte e centralizado, na defesa da família e cultura brasileira, em torno da figura de um líder que reformaria o Estado e a nação, no entanto, este líder não poderia ser Vargas, que ainda carregava, para a AIB, representações das antigas políticas nacionais. O movimento tinha, evidentemente, forte viés nacionalista, defendia a unidade da nação e a oposição ao exógeno, além do combate aos inimigos externos que impediam, segundo a AIB, o desenvolvimento da nação.

O Estado Integral seria a solução para os problemas nacionais da década de 1930, que estavam sob a sombra do estado liberal. O Integralismo era contrário a democracia[11], uma vez que os partidos políticos seriam o "germe de uma ditadura disfarçada", que numa democracia escraviza a sociedade às suas mentiras, originando assim novas oligarquias. Desta forma, a representação se realizaria através da organização profissional, de grupos naturais, de

---

[11] "Salgado considerava o seu nacionalismo autoritário como uma contingência histórica necessária para atingir o "ideal democrático". Face à crise de autoridade, impunha-se renunciar ao "imediatismo democrático", colocando em seu lugar o nacionalismo autoritário. Este pé que, posteriormente, realizaria a verdadeira democracia. " MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil, 1930 – 1945*. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1978. p. 557

associações culturais e cientificas, formando, segundo Gentile (2004, p.88) uma organização corporativa, características intrínsecas ao Estado fascista, que amplia a esfera de intervenção estatal, buscando a colaboração das classes sob o controle do regime. Segundo Trindade (1979, p.244), a organização corporativa dentro do projeto integralista visa superar os conflitos da sociedade liberal, como a luta de classes, através da integração das classes profissionais.

O movimento, que fomenta a violência "pela missão que julga ter nos destinos do mundo[12]", defende a família "porque ela é a pedra angular da sociedade, e só dentro dela o homem encontra conforto e de que necessita para o seu aperfeiçoamento espiritual", cultua e dignifica a "pátria, por ser a expressão concreta do sincronismo da cultura, das aspirações, dos trabalhos, dos sofrimentos, das angustias, da vontade, e das realizações comuns de todo um povo[13]".

O integralismo é a antítese do comunismo[14] no arcabouço de projetos políticos e sociais brasileiros dos anos 30, da mesma forma como o fascismo se posicionou anos antes, na Europa. Durante este período, foram dois projetos que disputaram as novas camadas sociais brasileiras durante a década, até a extinção dos partidos por Vargas[15].

A AIB refuta o internacionalismo bolchevique, "satélite de moscou", "uma cópia a papel carbono" "servil" que "faz causa comum com os liberais, batendo-se pelas famosas liberdades democráticas", sem apresentar originalidade além de ser sistema que "obedece estrangeiros"[16].

Embora Salgado e alguns teóricos integralistas buscassem em diversas publicações desvincular a relação entre o Integralismo e os fascismos europeus, tratando-os como estágios intermediários ou manifestações "defeituosas" (TRINDADE, 1991, p. 315) do Integralismo, a influência dos fascismos europeus, e particularmente o caso italiano, é essencial como referência externa para a natureza de criação da AIB, uma vez que o movimento brasileiro incorpora e sintetiza diversos paradigmas do movimento italiano, como, por exemplo, o destino

---

[12] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 15. Set. 1935, p.1
[13] Ibidem, p.1
[14] Segundo obra de Trindade, o "anticomunismo" fora o principal motivo de adesão dos integralistas ao movimento. TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979, p. 160
[15] Para Levine, o movimento integralista e Aliança Nacional Libertadora, embora em extremos opostos do espectro políticos, possuíam movimentos semelhantes, dadas suas organizações por células, pela busca pela atração das classes média e trabalhadora, e pela antecipação de uma consciência nacionalista, além, de ambas se inspirarem em modelos estrangeiros. LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1980, p 129.
[16] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 7. Jul. 1935, p.1

da nação, a criação de uma ideologia integra, a luta contra inimigos liberais, o forte apelo aos símbolos, o corporativismo, a revolução espiritual, e o culto por um Estado forte e burocrático (PAXTON, 1979).

De certa forma, exaltam em suas publicações estes “movimentos nacionalistas modernos” por suas características “anticomunistas, nacionalistas, corporativistas e de economia dirigida”. Buscam, no entanto, se desvincular de influência direta, uma vez que tratam o integralismo como “único movimento doutrinário e político do Brasil que fundamenta suas teses na consideração honesta das realidades sociais características do país, mandando às favas o espirito da imitação[17]”.

Buscavam fomentar um pensamento genuinamente nacional e autônomo, que se propusesse a solucionar os problemas nacionais de maneira original, sem se amparar em modelos exógenos. Para Vasconcellos (1979), esta preocupação será o principal entrave para a declaração aberta de uma provável influência do fascismo italiano. Como o movimento integralista, que defendia a autonomia da nação e se posicionava anticosmopolita, poderia assumir filiação com um movimento exógeno?

Uma vez que se proclamavam nacionalistas puros, o movimento tinha que refutar influências exógenas, já que os “símios, semibárbaros, semicivilizados” primam pela “arte de copiar tudo que veem(...) em larga escala, de (...) tudo que cheira a Europa”. A cópia de ideais seria a causa da situação nacional, onde “nada é puro, elevado, sublime[18]”.

Embora vários movimentos de raízes fascistas possam ser encontrados em diversos países, utilizando propostas e argumentos semelhantes, seus supostos problemas econômicos, políticos e sociais estão alocados em contextos diferentes, de modo que as experiências fascistas variavam de acordo com a realidade existente, cada qual com suas características e diferenças (PAXTON, 2007).

Segundo Paxton (2007, p. 314), a América Latina foi o continente que chegou mais perto de contar com regimes similares ao fascismo, fora do território europeu, no período entre a década de 20 e 50. No entanto, ressalta que houve “um alto grau de pura imitação” que ocorreu durante o período de ascensão do fascismo na Europa, tanto nas cenografias adotadas pelos ditadores locais, quanto do corporativismo italiano.

---

[17] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 13. Set. 1935, p.4
[18] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 9. Jul. 1935, p. 8

Marilena Chauí (1978) aponta dentro do discurso da AIB, elementos característicos de um pensamento autoritário que surge dentro das classes médias brasileiras e une este ao bojo das discussões nacionalistas da década de 1920, refutando ser a AIB uma experiência de simples cópia do fascismo. Ramos (2014) corrobora a ideia de Chasin (1978) de que para além da possibilidade das influências fascistas, o movimento integralista é resultado de relações próprias encontradas no contexto brasileiro, além de resultado da influência da intelectualidade do período exercido nos pensadores do movimento, e que a pesquisa de Trindade teria, por sua vez, esgotado este debate.

Segundo Trindade (2004), as propostas integralistas são criações da inserção do movimento em seu determinado espaço e tempo, sendo, portanto, muito mais do que mero mimetismo do fascismo italiano, mas também, resultados dum cenário político e social próprio.

> O Integralismo consegue reproduzir os traços característicos dos movimentos fascistas europeus, mas, ao mesmo tempo, não se limita a ser uma mera imitação político-ideológica. A dinâmica da sociedade brasileira, no período entre as duas guerras mundiais, favoreceu sua implantação como movimento de massa, constituindo-se numa alternativa efetiva no processo político brasileiro. (TRINDADE, 2004, p.65)

Para Medeiros (1978, p. 577), a "pretendida originalidade do integralismo face aos demais movimentos de direito deste período histórico" não corresponde à realidade, embora o autor pondere que o integralismo aponte um "estilo" brasileiro no contexto dos movimentos fascistas nos anos 30, refutando o simples mimetismo ideológico.

> Se originalidade houve, foi mínima e inexpressiva: as semelhanças e os vínculos do integralismo com aqueles movimentos avultavam muito mais do que suas possíveis características próprias. [...] Todos os seus componentes básicos, teóricos ou não, eram, afinal, comuns aos fascismos de então. [...] Não afirmamos que o integralismo tivesse sido uma "copia" dos fascismos da época: o que nos parece é que se partirmos de uma perspectiva que considere o sistema capitalista ocidental como um todo, o integralismo, à semelhança dos demais fascismos, foi uma "resposta" local e nativa a uma mesma série de desafios, de ameaças, de temores e de reação assumidos pelo sistema aludido. Diríamos que os diversos fascismos representariam variações em torno de um mesmo vetor ideológico e político. (MEDEIROS, 1978, p. 577),

Ainda segundo Medeiros (1978. p. 545), o dilema integralista se pautava na tentativa de Salgado querer situar o Brasil no "ritmo do mundo moderno", mas com as "precauções" necessárias para que os efeitos "negativos" daquele "ritmo", não se reproduzissem aqui, como a "questão social", vista como luta de classes por Salgado. Queria, portanto, o "progresso", mas não as implicações "explosivas" dele. Seria, pois, para o autor, por essa razão que o modelo fascista exerceria uma espécie de fascinação universal sobre o pensamento político de elites e classes medias, já que ao "mesmo tempo em que se propunha um "dinamismo moderno", estabelecia o fascismo rígidas e autoritárias regras políticas para conter, repressivamente os

possíveis efeitos "maléficos" dele decorrentes, ordenando e coordenando as forças sociais no Estado Corporativo".

Para Vasconcellos (1979, p. 47), embora o Integralismo busque a autonomia através da diferenciação dos elementos religiosos e espirituais, é uma tese com pouca sustentação.

Embora consideremos uma forte semelhança entre eles que nos permita enquadrá-los como fascistas, não podemos tratá-los como simples mimetismos do movimento italiano, o pioneiro e principal propagador da experiência fascista, desprezando suas experiências individuais, pois elas estão contextualizadas em tempos e sociedades distintas[19], o que exige, segundo Paschoaleto (2012), estudos de caso que nos permitam compreender melhor a experiência fascista em contextos e períodos diferenciados.

A busca intelectual pela realidade da nação no início do século XX se reflete nas obras dos periódicos integralistas, tanto em suas propostas, como em suas opiniões sobre a sociedade da época. As dimensões sociais e políticas são cruciais para a elucidação da natureza do integralismo enquanto ideologia e movimento político, além de necessárias para análise das diferenças e semelhanças entre o partido fascista e o integralista.

Através da análise de ferramentas utilizadas pelo movimento para propagação do ideário conservador e autoritário, buscamos compreender os projetos e conceitos integralistas, além de evidenciar o pensamento da extrema direita num período de efervescente mudança política e social, através da análise de publicações integralistas, visando estabelecer as relações entre o Fascismo italiano e o Integralismo brasileiro, relacionando os pontos em comum e os divergentes.

A rede de imprensa integralista conteve cento e dezessete periódicos, onde se pode verificar a existência de oito jornais diários, cento e cinco jornais semanais, além de quatro revistas ilustradas e cerca de três mil boletins[20]. Toda essa rede integralista tinha a missão de difundir a doutrina de forma pedagógica, além de levar o leitor a se interessar pelas obras literárias e doutrinárias dos pensadores integralistas. Segundo Tavares (1992, p. 198), ao lado da organização de todo projeto Integralista, a propaganda constituía peça-chave da nova concepção totalitária do partido político.

---

[19] O fascismo italiano surgiu em 1919, chegando ao poder em 1922. O Partido Nacional-Socialista, NSDAP, fundado em 1920, somente chegou ao poder em 1933. SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

[20] *Monitor Integralista*, Ano 5, nº 22, 7 de Outubro de 1937, p. 7.

Embora possuísse diversas publicações, a imprensa integralista utilizava-se de instrumentos padronizadores que permitiam que os conteúdos de diversas publicações no vasto território nacional fossem os mesmos. Tamanha era a preocupação do partido com esse controle e padronização, que foram criadas além das Comissões de Imprensa o SIGMA – Jornais Reunidos, subordinados a Secretaria Nacional de Imprensa (S.N.I), que respondiam a Plínio Salgado (OLIVEIRA, 2009, p.16).

Cada exemplar era enviado à Secretaria Nacional de Imprensa e ao chefe nacional do partido, de forma que proporcionasse a transmissão uniforme da doutrina. Devido a este esforço da direção do partido de estruturar e estimular a utilização da imprensa, podemos analisar a importância que fora dada nos impressos à propagação das doutrinas integralistas.

Embora haja relutância na utilização de fontes primárias com fortes marcas de tendências, como as fontes propostas, já que eram efetivamente formas de propagação do ideário integralista, Dotta (2007, p. 163) afirma que a análise de fontes partidárias é fundamental para compreensão do movimento e da ideologia, e nos permite avaliar com mais precisão a doutrina por trás dos periódicos.

Uma vez que o projeto político da AIB era propagado através de periódicos que pretendiam a cooptação de novos adeptos, além da manutenção das teorias integralistas com seus militantes, a análise de publicações do grande aparato de imprensa do movimento, principal ferramenta utilizada pelo movimento para propagação do ideário integralista, permitira maior compreensão das ideologias centrais dos militantes do movimento incitado por Plínio Salgado.

Para tanto, fora analisado dois periódicos que possuem caráter mais panfletário, *O Aço Verde* e *O Integralista*, além do boletim oficial do movimento, *O Monitor Integralista*, buscando explicitar a influência fascista nos programas integralistas através de artigos, informes e editais.

A pesquisa fora realizada principalmente utilizando o Acervo Documental da Ação Integralista Brasileira encontrado no Arquivo de Rio Claro (SP). O acervo é composto por cerca de quarenta mil correspondências, 400 livros doutrinários, fotos e atas, além de quinhentos e setenta exemplares de revistas e jornais produzidos pela imprensa integralista. Os periódicos foram escolhidos de acordo com a quantidade das páginas preservadas de cada periódico, além de possuírem maiores números disponíveis. O recorte temporal corresponde ao início do partido integralista, até o fim da AIB período do golpe do Estado Novo, em 1937, que levou ao fechamento do partido.

CAPÍTULO 2: A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA AIB

> Então uma mentalidade absolutamente nova começou a despontar, a se formar, com visão nova dos problemas fundamentais da civilização brasileira. (...). Essa corrente nova se formou sem ligar para a vida política e partidária do país. (...). Essa mentalidade nova virou integralismo: cultura sociológica e política. Implantação do Estado Integral. Resolução de todos os problemas brasileiros pelo Estado. Diretrizes do Estado brasileiro condicionadas pelo conhecimento das realidades e tradições nacionais.[21]

A partir das publicações do boletim integralista, é possível verificar a ascendência do movimento, desde a publicação do Manifesto Integralista[22], em 1932, o estabelecimento como "associação nacional (...) de centro de estudos[23]", em 1933, à convocação do primeiro congresso que visava organizar "o maior movimento cultural e político[24]", estabelecendo o Integralismo como movimento cultural e político e a estruturação definitiva do movimento, em 1934, até o estabelecimento como partido político nas eleições municipais de 1935, visando "propaganda das ideias sustentadas pela AIB" e "agitação da massa popular"[25]. As edições de 1936 e 1937 tratam das diretivas quanto à participação da Ação Integralista Brasileira nas eleições presidenciais e o processo de filiação dos integrantes do movimento.

A expansão do movimento pode ser acompanhada pelo crescimento substancial do *Monitor*[26], principal[27] boletim informativo do movimento integralista[28]. As duas edições do primeiro ano, 1933, contam com quatro páginas cada, enquanto os periódicos do ano dois, 1934, contam com quatro, seis, doze, dez e doze páginas (números 4, 5, 6 ,7 e 8, respectivamente). As edições 10, 11 e 12 de 1935 contam doze páginas cada, e possuem propagandas que ajudam a financiar a Ação Integralista, diferencial perante as edições anteriores, o que demonstra o

---

[21] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 3 Jun. 1935, p.3

[22] "O Manifesto Integralista de Outubro de 1932 constitui, a nosso ver, uma das mais típicas e sistematizadas (senão a mais típica) expressões de nosso pensamento político pequeno-burguês e, certamente, a melhor síntese do integralismo como doutrina. " MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil, 1930 – 1945*. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1978. p. 567

[23] *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.1.

[24] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 5, 2ª quinzena de Fevereiro de 1934, p.3.

[25] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 7, 2ª quinzena de Agosto de 1934, p.1.

[26] Desde a primeira publicação do *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, é estabelecido que o *Monitor* será entregue gratuitamente a todas as Secretarias Províncias, Municipais, Distritais e Universitárias, tornando-se a principal e oficial ferramenta de divulgação das resoluções integralistas. Ano 1, nº 1, p. 4, 1933

[27] Constituem um "código completo de leis integralistas, e atos da chefia nacional" sendo, portanto, de grande utilidade para todos os que defendem a bandeira do sigma". *Monitor Integralista,* Ano 2, nº 7, 2ª quinzena de Agosto de 1934, p.1.

[28] Os atos publicados no *Monitor* deviam ter execução imediata por parte das autoridades integralistas. *Monitor Integralista*, Ano 3, nº 10, 7 de maio de 1935, p.5.

crescimento do alcance das publicações integralistas[29]. As edições seguintes, de 1936, possuem dez, vinte e dezesseis páginas. Já no ano 4, último ano de publicação do *Monitor,* seis edições possuem dezesseis páginas, tendo a última edição, número 22 de outubro de 1937, vinte páginas[30].

Às vésperas do Primeiro Congresso Integralista[31], fora publicado pela primeira vez as diretrizes sobre "O que quer o integralismo"[32], onde constava uma "doutrina sã e um ideal elevado" que visava construir um "regime de verdade", visando uma pátria integral, sob uma só bandeira.

O primeiro congresso integralista, realizado em Vitória, contou com a estruturação do movimento através de estatutos da Ação Integralista, através da definição sobre departamentos, deveres, ritos e regulamentações. Além de promulgar estas diretrizes, Salgado fora reconhecido e proclamado Chefe Supremo Nacional em "caráter perpetuo" "pelo bem do Brasil", onde os integrantes definiram que seu papel era insubstituível no desenvolvimento do movimento[33]. Essa forma de exaltação ocorrera anteriormente com Mussolini e seu movimento, que, segundo Gentile (2004, p.31), também exigiu ser considerado chefe do movimento fascista, em certa altura.

> O mito do chefe, aliás, constituía a ideia básica da ideologia nazifascista e ponto central do pensamento de Plínio Salgado (...) mais que tudo, a própria estruturação do movimento e a sua pratica refletirão essa tendência, com a adoção da chefia fortemente centralizada (TAVARES, 1992, p.199)

Em agosto de 1934 a Ação Integralista Brasileira determina a participação nas disputas eleitorais nas Constituintes Estaduais e da Câmara Federal, não significando "aprovação do

---

[29] Segundo nota no *Monitor Integralista,* "na parte de publicidade paga, só serão publicados anúncios" que não "colidam com os interesses do movimento ou com os princípios defendidos pelo Integralismo ou ainda que não visem a propaganda de atividades comerciais que explorem o povo ou concorrem para a dissolução social". *Monitor Integralista*, Ano 5, nº 20, 11 de Junho de 1937, p. 8.

[30] Segundo a última edição publicada do *Monitor Integralista*, o boletim publicou o "Manifesto de Outubro", Estatutos da AIB, Diretrizes Integralistas, Rituais e Protocolos, Manifesto do Programa Integralista, além de 31 Regulamentos da estrutura integralista e cerca de "350 resoluções e centenas de diretivas e atos das autoridades nacionais, relativos a organização e aos serviços" da Ação Integralista. *Monitor Integralista,* Ano 5, nº 22, 7 de Outubro de 1937, p.9.

[31] Realizado em Vitória entre 28 de fevereiro e 3 de março de 1934. *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 6, 1ª quinzena de Maio de 1934.

[32] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 5, 2ª quinzena de Fevereiro de 1934, p.6.

[33] Salgado fora escolhido como Chefe Supremo após refutar chefiar o movimento, pois "havia criado o movimento, não para chefiá-lo, e sim para entregá-lo à nação" e que um chefe só pode ser considerado líder quando "forçado pela unanimidade dos companheiros", de modo que permaneceria cumprindo um "ato de obediência", de "disciplina perfeita", diferentemente de regimes que permitem "conchavos e transigências". Após essa aclamação, clamou que "suas ordens jamais fossem, não somente discutidas, mas nem mesmo comentadas". Formava-se nesse congresso, portanto, um líder absoluto. *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 6, 1ª quinzena de Maio de 1934, p.2.

movimento ao sufrágio", mas objetivando propagar as ideias integralistas. Eleições nas quais, segundo dados contidos no *Monitor Integralista*[34], as "chapas integralistas atingiram cerca de 70 mil votos" em todas as províncias do país.

No fim de 1934 a esquerda nacional passa se organizar numa frente política de massas, visando combater as influências fascistas em desenvolvimento no território brasileiro. Os embates entre integralistas e comunista aumenta, levando às medidas de segurança excepcionais por Vargas, sendo uma delas o fechamento da Aliança Nacional Libertadora (LEVINE, 1980, p.58). Segundo Tavares

> Não se deve esquecer, contudo que a partir de 1934, setores inexpressivos das classes medias e do proletariado começam a organizar-se para enfrentar a ascensão integralista, a exemplo do que ocorria na Europa, onde frentes amplas democráticas opunham-se ao nazi fascismo. Nesse contexto é que que surge, em princípios de 1935, a Aliança Nacional Libertadora, reunindo comunistas, socialistas, trotskistas, anarquistas, democratas cristãos e liberais democráticos, nas áreas urbanas, principalmente. (TAVARES, 1992, p. 207)

Já em 1935, após o segundo congresso realizado em Petrópolis[35], o Chefe Nacional dirigiu uma carta aos chefes provinciais, referente a Lei de Segurança, que proibiria organizações militares com quadros e hierarquia. Para a manutenção da AIB, Salgado reformara os estatutos integralistas, adequando-os à Lei eleitoral e à Constituição. Desta maneira, o movimento seguiu como centro de educação e cultura política, além de ser partido político registrado no STE, suprimindo certas atividades da ação integralista, suspendendo os postos hierárquicos, a Secretaria Nacional da Milícia e os desfiles – que, para Salgado, foram necessários somente no "tempo em que os jornais nada noticiavam sobre nós", sendo necessárias "exibições públicas" para chamar atenção[36].

Desta forma, os integralistas, visando às eleições presidenciais, passam a agir pelo "dever com a sua Pátria, de conquistar as posições, evitando que venham cair nas mãos de outros elementos que não tenham o mesmo espírito de sacrifício[37]", participando das eleições[38] municipais, de maneira a propagar ainda mais a doutrina do sigma.

---

[34] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 9, 2ª quinzena de Dezembro de 1934, p.1

[35] Este congresso fora mais uma vez propagado por conta de conflitos entre comunistas e integralistas, que eram grande maneira de propagar o movimento contra o "perigo comunista" e apresentar os integralistas como "vítimas de perseguição e agressão. " LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1980. p.147.

[36] *Monitor Integralista*, Ano 3, nº 10, 7 de maio de 1935, p.5.

[37] *Monitor Integralista*, Ano 3, nº 11, 25 de outubro de 1935, p2.

[38] Visando aumentar o número de eleitores, as Escolas Integralistas de Alfabetização passaram a ser fundadas com "possível urgência", de modo que não houvesse no país "um núcleo integralista onde não exista uma escola para ensinar a ler aos brasileiros". Além da função de qualificação eleitoral e conseguinte alcance de novos eleitores integralistas com direito ao voto, essas ações de fundar escolas faziam parte das aspirações integralistas como

A AIB passa a propor a reformulação do "Estado sem recorrer à luta armada e garantindo espiritualidade, unidade nacional fundada na harmonia social a ser criada pelas corporações", segundo Chauí (1978, p. 104).

Após consultar plebiscito interno, Plínio Salgado se lança candidato à presidência em 1937, e passa a convocar todos os que vivem "no lar cristão" dos camisas-verdes a se alistarem e participem da vitória do Sigma, "pelo bem do Brasil"[39].

As últimas publicações do boletim tratam da suposta grandiosidade do movimento integralista por todo o território nacional, exaltando os resultados obtidos nas disputas eleitorais, e fazendo projeções de mais de um milhão o número de eleitores integralistas. Para Tavares (1992, p. 208), mesmo que essas estimativas sejam otimistas, é indiscutível a vitalidade do movimento, principalmente após o fechamento da Aliança Nacional Libertadora, "quando são arredados os obstáculos que se opunham à corrida integralista, no campo do aliciamento e da ideologia política".

Levine (1980, p. 146) pondera que embora muitas unidades exagerassem seus contingentes por motivo de prestigio, e o fato de "apenas um terço dos membros registrados" participarem regularmente das reuniões, números mais realistas ainda seriam impressionantes, dada a concentração urbana e o nível baixo de mobilização política.

A campanha presidencial ajudou a encher as fileiras integralistas, devida a propagação de seu movimento através de publicidade gratuita, permitindo que os ideais de Salgado sobre a erradicação de partidos e obstáculos à unidade nacional se propagassem. No entanto, não fora suficiente para garantir a participação almejada pelos integralistas no poder.

> Getúlio, ao que tudo indica, jamais pensara efetivamente em abrir mão de parcela do poder, transferindo-o aos integralistas; seu projeto pessoal de poder, sua formação republicana e positivista-castilhista, sua tradição oligárquica, afastavam-no definitivamente do integralismo. Assim configurava-se outro grave erro político de Plínio Salgado ao subestimar os homens da República Velha, superestimando a força da sua organização. (TAVARES, 1992, p.213)

Para Skidmore (1982), Vargas não tinha intenção de compartilhar sua vitória política após o golpe de novembro de 1937, que originara o Estado Novo, o que levou a suprimir em 2

centro de estudos e discussão política. *Monitor Integralista*, Ano 4, nº15, 3 de Outubro de 1936, p. 2; O movimento fascista italiano também fomentava sistemas educacionais fascistas, que visavam construir o "novo homem italiano". PAXTON, Robert. *A anatomia do Fascismo*, 2007, p. 237-.

[39] *Monitor Integralista*, Ano 5, nº17, 20 de Fevereiro de 1937, p.16.

de dezembro os partidos políticos, principalmente a Ação Integralista Brasileira, que já se postava como ostensivo instrumento político.

Ao deferir o golpe, Vargas arruinou a estratégia integralista que visava alcançar legitimidade política, relegando a participação dos integralistas no novo governo, acentuado pela dissolução de todos os partidos políticos, sepultando[40] o ideário integralista na década de 30 (LEVINE, 1980, 9. 247-267).

Ao analisar o discurso integralista, Chauí (1978. p. 36) afirma que "o nacionalismo, montado sobre imagens míticas, dá a nossos autoritários a ilusão de estarem referidos às condições históricas transfiguradas em bruma alegórica". Prossegue analisando que ao confundir as "imagens nativas com o movimento da história, acreditam que a substituição dos mitos de origem europeia por outros, caboclos, é uma operação teórica suficiente" para eliminar a influência exógena no pensamento nacional. Conclui:

> Dessa maneira, quando o Bandeirante, o tupi-tapuia, o gaúcho, o sertanejo, o mestiço, a floresta, o solo virgem, a extensão territorial e a psicologia do povo entram em cena, funcionam como palavras encantatórias: tem o dom miraculoso de permitir, através da mudança vocabular, a aplicação de esquemas teóricos europeus sem que nos envergonhemos deles. O pensamento europeu, reduzido a uma forma vazia, pode ser utilizado nacionalmente desde que seja preenchido com conteúdo locais. (CHAUÍ, 1978. p. 37)

O tom dos artigos sempre opera com a intenção de suscitar ânimo e envolvimento nos integrantes do movimento, com frases impactantes e motivacionais, que demonstrem a predestinação do movimento.

Segundo Vasconcellos (1979, p. 28) o caráter esvaziado da linguagem, carregado de um tom fortemente emocional, "sintoniza-se perfeitamente com o fetiche da intuição e a abstrata separação desta em relação ao racional", reforçando o "primado axiológico do irracional ou da emoção sobre a razão".

> Alguma coisa está acabando. Alguma coisa está se dissolvendo, diluindo, desaparecendo. Que coisa é essa? É o espirito de uma época (...). Fim, que anuncia uma alvorada. A alvorada dos bons, dos equilibrados, dos sensatos, dos cultos, dos renovadores, dos inauguradores de uma nova época. A estrela do sigma aparece no horizonte[41].

Este discurso que estabelece ordem, minimiza a reflexão sobre os processos históricos e visa concluir que o país não teria outro destino que não o de ser salvo pelo integralismo e o Estado Integral, quando "ouviremos do alto de nossos rochedos, de nossos montes, de nossas

---

[40] Recorrendo a uma tentativa frustrada de golpe apenas após verem seu partido ser extinto pelo regime do Estado Novo e a participação de Salgado ser relegado no governo de Vargas.
[41] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 4. Jun. 1935, p. 3

florestas a grande sinfonia, feita pela própria natureza[42]" e "ouvireis a marcha rítmica dos bandeirantes que voltam ao litoral, para junto de seus descendentes construírem um Brasil Integral[43]".

O discurso integralista, segundo Chauí (1978, p. 40-46), opera com imagens ao invés de conceitos (dando aos seus textos um caráter alarmante e um tom bombástico) e com o estabelecimento de ordens e sequencias temporais, de forma a convencer o leitor que o "integralismo é a marcha natural da história", uma vez que "o integralismo é a luta da luz contra as trevas". A autora atenta ainda para a evocação de imagens nativas, míticas e folclóricas, que, servindo de base ao nacionalismo do movimento, ajudaria a refutar as influências estrangeiras.

Nos periódicos encontramos artigos que estabelecem o integralismo como "os atabaques e os borés selvagens melodiando nos espaços a ressureição de um povo", como "o sacerdote da esperança, da fé e do otimismo, da coragem e da sinceridade", ou ainda "é o polo magnético para onde convergem todas as capacidades sonhadoras, é a alma da Pátria desperta pelo sacrifício, pela luta e pela dor[44]". Esta evocação de conteúdos locais, como o "eterno espirito bandeirante da raça[45]", permite a utilização de esquemas teóricos europeus, de forma a reduzi-los a uma forma vazia, não se tornando problema para o discurso nacionalista do movimento brasileiro.

---

[42] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.7
[43] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 3 Jun. 1935, p.5
[44] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2 Mai. 1935, p.7
[45] Ibidem, p. 5

CAPÍTULO 3: INTEGRALISMO E FASCISMO: CONEXÕES E DIVERGÊNCIAS.

Estado Integral, Revolução Espiritual e Corporativismo

> Querendo construir um Estado que seja realmente a soma das forças vivas da nação, tanto materiais, como espirituais e intelectuais, como indica o Sigma – símbolo de nosso movimento totalitário – o integralismo é contra toda a sorte de ditaduras irresponsáveis[46].

A primeira edição do boletim integralista trás os objetivos da Ação Integralista, denominada como uma "associação nacional" com a finalidade de funcionar como um "centro de estudos e cultura sociológica e política", desenvolvendo uma "elevação moral e cívica" do cidadão brasileiro, pleiteando a implantação de um "regime político-social (...) baseado na concepção do Estado Totalitário, ou Estado Integral"[47].[48]

Analisando o fascismo, Gentile (2004, p. 80) refere-se a ele como o único regime que incorporou o estilo de concepção política totalitária, fundado na concentração das massas populares, visando "fascistizar" a sociedade através do controle do partido em todos os aspectos sociais da vida, tanto individual quanto coletiva. Para tanto, se utilizava a "sacralização política" e do pensamento mítico que permitirá organizar um movimento que permitisse uma mobilização permanente em busca da "revolução" das instituições, da sociedade, da cultura, de forma a validar um sistema baseado na simbiose entre partido e Estado. Bobbio (2007, p. 36) trata como síntese doutrinal do Estado Totalitário fascista "tudo no Estado, nada para além do Estado, nada contra o Estado", onde o Estado é tudo e o indivíduo, fora do Estado, nada.

O Estado Integral significava para Plínio a solução para os problemas nacionais da década de 30, que estavam sob a sombra do estado liberal[49]. Este Estado integralista rejeitaria as formulas socialistas e liberal-democráticas, que não consideravam a "mente, corpo e espírito" do homem integralista (SCHMIDT, 2008, p. 100). Para tanto, o integralismo rejeita qualquer tipo de divisão, seja entre estados, partidos, ou pela luta de classes, de forma a buscar uma sociedade homogênea que forme uma unidade integral sob a égide do Estado. Defendiam que

---

[46] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.2

[47] *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.1.

[48] Conteúdo muito próximo ao dos princípios debatidos na Sociedade de Estudos Políticos, segundo TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979, p.125.

[49] "Mussolini disse que a democracia liberal é o regime que dá ao povo a ilusão intermitente de ser soberano". *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 10. Ago. 1935, p.1

o novo homem construiria o Estado Integral[50], um Estado totalitário, onde seriam refutadas todas as "forças centrífugas que tendem a desorganizar o Brasil[51]", fazendo prevalecer apenas "a vontade coletiva" onde se encontraria a "verdadeira justiça social", que "não receba injunção de partidos conservadores ou trabalhistas[52]", funcionando como um "órgão totalizador", um "instrumento de coordenação[53]".

> (...)para mim, no mais íntimo do meu coração, e no recôndito mais misterioso de minha alma, o Estado Integral transcende das formas políticas e do próprio pensamento filosófico. Porque o Estado Integral, essencialmente, é para mim o Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo.[54]

Segundo Plínio, o Estado Integral é a realização da "felicidade material" e da "grandeza nacional" dentro "do profundo sentimento de solidariedade humana e de fraternidade de todos os brasileiros", através da "mais perfeita harmonia social" no qual se equilibram os interesses da coletividade[55].

> Nesse contexto, o Estado não pode mais ser encarado como organização vazia, entregue ao apetite dos partidos políticos, dos interesses particulares: é um Estado que tem missão, Estado antiliberal, antiparlamentar, antipartidos, baseado no princípio da Mística do Chefe, do condutor, cujo motor é o partido único, intermediário entre as massas e o chefe. Um Estado, enfim, antigualitario, hierárquico, corporativo, agressivamente nacionalista. (TAVARES, 1992, p. 254)

Para Medeiros (1978, p. 575), embora Salgado buscasse utilizar o termo totalitário como de "totalidade – o Estado de e da totalidade social", não haveria divergência com a concepção fascista de Estado totalitário e seu totalitarismo político,

> Afinal, os fascistas justificavam suas concepções de Estado totalitário com os mesmos argumentos e com as mesmas pretensões - a de um Estado de todas as classes sociais, de todos os homens e do homem todo. Era em nome desta unidade totalitária ou totalista que se montava o fascismo, como ideologia. E o integralismo, como doutrina (MEDEIROS, 1978, p. 575)

Assim, o conceito de Estado integral seria similar ao de Estado autoritário, como totalizador dos movimentos sociais, finalista, forte, intervencionista e programador, que ordena, abrange e regula a multiplicidade dos movimentos sociais.

O movimento integralista declara não servir "aos governos, nem tão poucos aos seus opositores", por se preocuparem com a "solução total, completa, de todas as questões do país,

---

[50] "O Estado Integral, o direito integral, eis as armas com que venceremos o inimigo eterno do mundo". *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p.7

[51] Este Estado Totalitário iria refutar todas as "forças centrífugas que tendem a desorganizar o Brasil", fazendo prevalecer apenas "a vontade coletiva". *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 4. Jun. 1935, p.3

[52]*O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p.8

[53] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 4. Jun. 1935, p.3

[54] *Monitor Integralista*, Ano 5, nº 21, 17 de Julho de 1937, p.4.

[55] Ibidem, p.4.

desde sua estrutura econômica até sua expressão intelectual". Desdenhando dos partidos políticos[56] e dos movimentos pró e contra o governo, pois são formulados por ideais e paixões que não a pátria[57]. Expressa sua apatia a existência dos partidos, compreendendo que eles são apenas necessários dentro de regimes liberais democráticos, e, logo, seriam eliminados no Estado Integralista. Segundo o Chefe Nacional, através da Secretaria de Doutrina, "no Estado Integral tornam-se desnecessários os partidos, pois todos os brasileiros colaborarão no grupo que pertencerem, para a formação do poder público[58]". O Totalitarismo fascista, segundo Bobbio (2007, p. 39), também refutava o ideal de pluralismo partidário, pois os partidos dividiram a nação, da mesma forma que a democracia-liberal, considerando-os supérfluos ao regime fascista, não sendo necessária "ao funcionamento de um regime político saudável".

Segundo Tavares (1992, p. 249), o fascismo repudiava na democracia a "mentira convencional de igualdade política", o "espirito de irresponsabilidade coletiva" e, por fim, o "mito da felicidade e do progresso indefinido". Negavam que o número poderia dirigir a sociedade humana através do sufrágio, uma vez que haveria "desigualdade irremediável, fecunda e benfazeja dos homens", não poderiam tornar-se "iguais por um fato mecânico e extrínseco como o sufrágio universal". Desta forma, o Estado fascista propunha a democracia "entendida diferentemente", significando integração do povo no Estado, de forma "orgânica, centralizada e autoritária".

Este novo Estado não seria este "arraial onde acampam como bando de ciganos os partidos e os clãs que se sucedem no poder", mas a "alma e a consciência da nacionalidade", a "afirmação vigorosa da vontade de domínio de um povo", através de um Estado "permanente e totalizador das manifestações complexas da vida nacional[59]".

Segundo Medeiros (1978, p. 254), para os integralistas, os conceitos de Nação e Estado Integral se "confundem de tal maneira que acabam por identificar-se". O Estado Integral, seria, portanto, a realização efetiva da Nação, sua corporificação política, que, através da organização e tutela do Estado, alcançaria equilíbrio social e político. Por fim, relaciona essa concepção com o Estado fascista:

---

[56] O movimento integralista mesmo quando passa a concorrer nas eleições em 1934 se define como uma "entidade super-politica" como "campanha de cultura e arregimentação dos brasileiros" e, portanto, contraria ao sufrágio universal, entrando nas eleições por "objetivo meramente tático" *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 4, 2ª quinzena de Janeiro de 1934, p.1 e *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 7, 2ª quinzena de Agosto de 1934, p.1.
[57] *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.1.
[58] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.2.
[59] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 4. Jun. 1935, p. 3

> No Estado integral, como de resto no Estado fascista, o indivíduo (em teoria) encontraria sua expressão ótima dentro do Estado (que o reconheceria em sua dimensão “integral”), mas jamais fora deste último. ” (...)”ele de fato estava afirmando que não haveria interesses superiores ao Estado Integral. Os termos que define as relações Estado-indivíduos são, de fato, os mesmos de Mussolini. (MEDEIROS, 1978, p. 254)

Os integralistas eram contra os partidos que não conseguiriam “ultrapassar as fronteiras das províncias”, sintonizando “num mesmo corpo de ideias, as vozes distantes das regiões brasileiras[60]”. Para os integralistas, os liberais não possuiriam “consciência partidária”, “sem unidade de pensamento, nem de pensamento”, se unindo não “por um princípio ideológico, mas por amizades, vantagens ou interesses[61]”. Por fim, defendiam a tese de que os partidos dividiam a nação, devendo, portanto, refutar mais esta influência liberal.

Desta forma, a representação se realizaria através da organização profissional, de grupos naturais, de associações culturais e científicas, formando uma organização corporativa[62] - característica intrínseca do Estado totalitário, que amplia a esfera de intervenção estatal, buscando a colaboração das classes sob o controle do regime (GENTILE, 2004, p. 88). Assim, organização corporativa dentro do projeto integralista, visava superar os conflitos da sociedade liberal, como a luta de classes, através da integração das classes profissionais. Essa mesma ideia fora defendida pelo fascismo, segundo Bobbio:

> (...)as corporações são de fato os órgãos destinados a conciliar os interesses opostos, a obter a colaboração das classes opostas, em nome do interesse superior da nação. O estado corporativo elimina a anarquia do Estado liberal-liberalista sem cair no despostismo do Estado comunista (BOBBIO, 2007, p.68)

Este Estado teria como base o corporativismo, que, para os integralistas, resolveria a “questão social” não resolvida pelo liberalismo, uma vez que nesta estrutura o “operário pertencera a uma corporação, não mais será roubado, porque o Estado intervém”, assim, a “luta não se fará mais entre o fraco e o forte como na economia liberal, mas entre duas fortes corporações[63]”, essa teria sido “a lição do corporativismo italiano e do integralismo lusitano[64]”.

Segundo Bobbio (2004, p. 68), as corporações, seriam para os fascistas, “de fato os órgãos destinados a conciliar os interesses opostos, a obter a colaboração das classes opostas, em nome do interesse superior da nação”, eliminando a anarquia do Estado liberal e refutando o despostismo do Estado comunista.

---

[60] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2 Mai. 1935, p. 2
[61] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.2.
[62] Ibidem, p.2.
[63] *O Integralista*, São Paulo, Ano I, nº1. Nov. 1932, p.8
[64] Ibidem, p.1

Segundo Levine (1980, p.130), o Estado integralista se assentava nos pilares da "moralidade, da organização econômica e da democracia corporativa". Para Gentile (2004, p.88), a dimensão do Estado totalitário era baseada na "subordinação absoluta do cidadão ao Estado", na "devoção total do indivíduo a comunidade nacional", na disciplina e no espírito guerreiro.

O corporativismo fora uma das inovações políticas fascistas, entre 1925 e 1939, se tornando um programa "revolucionário, mas socialmente unificador" que, teoricamente, visou o progresso econômico através de uma estrutura compacta e unificada, baseada na colaboração, aumentando a autoridade do Estado[65].

> A questão social que o liberalismo não resolveu, nos integralistas a resolveremos pelo corporativismo. No regime integralista o operário pertencerá a uma corporação, não mais será roubado, porque o Estado intervém. Luta aí se fará mais entre o fraco e o forte como na economia liberal mas entre duas fortes corporações[66].

Para a AIB, o fascismo[67] "não era propriamente uma ditadura", mas sim "um regime representativo, com base nas corporações de diferentes classes produtoras". Assim, esperavam reproduzir no Brasil o mesmo que Mussolini fez na Itália, através de "todo o seu poder pessoal, de todo o seu gênio de homem do Estado, de todo o seu fascínio sobre as massas[68]", de forma a criar um regime corporativo.

De forma a servir a este Estado Integral, o cidadão integralista seria subordinado aos "interesses superiores da coletividade", "da harmonia social e do bem comum da Nação[69]". Para Gentile (2004, p.88), a dimensão do Estado totalitário era baseada na "subordinação absoluta do cidadão ao Estado", na "devoção total do indivíduo a comunidade nacional", na disciplina e no espírito guerreiro.

Nota-se semelhanças no projeto integralista, objetivando um Estado totalitário, mecanista, através do estabelecimento de um Estado superior ao indivíduo, onde a doutrina se estabeleceria através da organização política e social, controlando os aspectos da vida

---

[65] A gênese do corporativismo é extensa, possuindo duas experiências importantes para a inspiração fascista, entre elas as ideias católicas do século XIX e o sindicalismo revolucionário. BLINKHORN, Martin. Mussolini e a Itália Fascista. São Paulo, Paz e Terra, 2009, p. 56-57.
[66] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p.8
[67] Salgado considerava "estatismo absoluto" somente o socialismo (em sua forma soviética) e não o fascismo. Este era excluído desta categoria, ao lado do "nacionalismo alemão" e do português. Dessa forma, para Jarbas (1978), o integralismo tratava sua forma de Estado integral compatível com a do Estado fascista. MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil, 1930 – 1945.* Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1978. p. 553
[68] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.2
[69] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.2.

individual e social das massas. Assim como o fascismo, defendem que a revolução deve vir da transformação do Estado, transformando a mentalidade dos indivíduos (BLINKHORN, 2009).

> O estado Integral seria a realização, na ordem econômica, do regime de predomínio social sobre o individual; na ordem moral, a cooperação espiritual de todas as forças que defendem os ideais de Deus, Pátria e Família; e na ordem intelectual, a participação de todas as forças culturais e artísticas na vida do Estado. (TAVARES. 1992, p. 200)

Segundo Salgado, Mussolini fora a "própria voz da nação que dominou para que ela voltasse a ter domínio sobre si mesma e tomasse consciência de sua grandeza eterna". Segue argumentando que o Duce necessitou criar um regime político, "uma nova concepção de vida, agindo de cima pra baixo", não revolucionando as massas devidamente, "não as preparou dentro de sua doutrina", e, o integralismo teria como diferencial, a vontade de "criar uma mentalidade integralista", revolucionando o povo brasileiro, dentro do ideal integralista de vida, criando uma "elite tipicamente brasileira, formada no integralismo, conhecedora eximia de todas as profundas realidades nacionais".

O fascismo não foi alimentado por uma "doutrina de gabinete" elaborada anteriormente, sendo resultando das ações fascistas ao chegarem ao poder. Como o integralismo não chegou ao poder, as suas diretrizes não passaram de esboços de um aparato totalitário. Salgado, de fato, sempre insistiu na necessidade previa de uma doutrina para guiar a ação política, diferentemente de Mussolini e Hitler. (MEDEIROS, 1978, p. 558).

Contudo, seria necessária uma Revolução espiritual, visando criar cidadãos conhecedores das realidades nacionais, que viveriam num Estado totalitário que seria a "soma das forças vivas da nação, tanto materiais, como espirituais e intelectuais[70].

O integralismo visava "promover o aperfeiçoamento moral e espiritual da Nação", defendendo o espiritualismo contra as correntes materialistas "de pensamento e ação, que acobertadas pelo liberalismo vem exercendo a sua obra nefasta de desintegração de todas as forças vivas da Pátria[71]".

A revolução do pensamento é defendida pela "aspiração de grandeza nacional" de "transformação do espírito pela capacidade de renúncia e sacrifício[72]". Desta revolução, surgiria um homem virtuoso, "verdadeiramente revolucionário", que transformaria o Estado, uma vez que essa revolução não "cogita apenas substituir os homens do governo (...), mas transformar

---

[70] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.2
[71] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.2.
[72] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 3 Jun. 1935, p. 3

completamente a noção de Estado" através da transformação da "própria psicologia das massas[73]".

O movimento compreende a sociedade dentro de uma hierarquia dos valores espirituais e materiais, fazendo prevalecer o "Espiritual sobre o Moral, o Moral sobre o Social, o Social sobre o Nacional, e o Nacional sobre o Particular[74]". Segundo Gentile (2004, p.96), o fascismo *habría aparecido en una "revolución espiritual" contra las degeneraciones del materialismo capitalista y comunista, del que debía nacer un hombre nuevo, renovado en cuerpo y alma.*

Para os integralistas, embora as missões dos movimentos fossem similares, como na luta contra o comunismo, a missão brasileira era muito maior, uma vez que na "Itália e na Alemanha existia anteriormente o espírito nacional consciente, existia uma nação (...) no Brasil nada disso existia", uma vez que "o povo é criança, o país é jovem" tornava-se necessário "criar a nação" uma "coisa absolutamente nova" lançando "as bases de uma civilização também nova[75]".

O integralismo sustentava o "espiritual sobre o moral, o moral sobre o social, o social sobre o nacional, e o nacional sobre o particular", enquanto o nacional-socialismo alemão subordinaria "tudo aos interesses da coletividade de sangue alemão, não reconhecendo acima desses, os direitos intangíveis da pessoa humana", "invertendo a hierarquia natura[76]", colocando o nacional acima do humano, o que distanciaria dos ideais integralistas.

Além de necessidade de criar uma nação para que se possa elevar uma nova civilização, o integralismo "proclama Deus, o primado do espírito sobre a matéria e a intangibilidade da pessoa humana", e, segundo o movimento, "esses princípios não são precisados nem pelo fascismo nem pelo nacional-socialismo", embora "seja muito possível, e é o que os cristãos de todo universo desejam que se atinjam um dia[77]".

Para os integralistas, que buscavam destacar a originalidade do movimento, a Revolução Espiritual era sua principal distinção, pois, diferentemente dos fascismos europeus, no integralismo o espírito cristão triunfa sobre o paganismo, sendo um movimento altamente espiritual. No entanto, Vasconcellos (1979, p. 47 - 48) reitera que a milícia fascista estava a serviço de Deus e da Pátria, e, que embora o Integralismo busque demonstrar autonomia através da diferenciação dos elementos religiosos ou espirituais, é uma tese com pouca sustentação.

---

[73] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 3 Jun. 1935, p. 5
[74] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.2.
[75] *O Integralista,* São Paulo, Ano IV, nº7. Jun. 1936, p.1
[76] Ibidem, p.1
[77] Ibidem, p.1

Segundo Medeiros (1978, p.573), Salgado defendia uma "revolução" dentro da estrutura de sua concepção de Estado, transformando "em suas formas, resguardando-se sua essência "ética", a qual seria "imutável", recompor suas classes dirigentes, substituir as velhas pelas novas" constituídas, por fim, pelas "aristocracias mentais".

Segundo Trindade (1979, p.272), embora não seja um aspceto essencial dos fascismos, ele se faz presente nas referencias italianas, mesmo que de forma vaga – o autor ressalta que o fascismo proclama "a importância dos valores religiosos e dos princípios morais na evolução histórica" .

Se a espiritualidade não se caracteriza como ponto tão dissonante entre os movimentos, tampouco podemos afirmar isso em relação ao convívio com a Igreja Católica. O movimento integralista defende uma revolução espiritual em cristo, que combata a "concepção anticristã e materialista que o liberalismo implantou no mundo", pautado num individualismo que "fez com que o homem esquecesse os seus deveres para com a sociedade e a pátria" e "seu acatamento as leis divina[78]". Desta forma, considerando-se "o maior de todos os movimentos de nossa história", não seria certo que se afastassem da Igreja, uma vez que formavam "movimento que tão bem interpreta as palavras do Sumo Pontífice, concitando todos os cristãos para a formação de uma cruzada espiritual[79]".

Segundo Gentile (2004, p.223), embora o fascismo tenha enfrentado conflitos com a Igreja Católica - impossibilitando o estabelecimento de um regime plenamente totalitário – rivalizando com ela pelo "controle e formação das consciências", não se expôs a uma ruptura. Desta forma, embora a Igreja possuisse certa autonomia, o regime buscou conciliar de forma sinérgica o catolicismo com o seu projeto. A revolução espiritual defendida pelo fascismo se fazia presente mais no campo doutrinário político do que na concepção religiosa do termo. No mais, o fascismo buscou tranformar seu proprio regime numa espécie de religião política, através de seus mitos, ritos, símbolos, e sua manifestações exaltadas.

O programa integralista se amparava na religião católica, cultuando a "Pátria, Deus e a Família[80]", sendo frequentemente elogiada pela Igreja, embora Levine (1980, p.141) ressalte que essa relação "oscilava entre calor e prudência", havendo alas na igreja que resistiram a qualquer apoio ao movimento, embora considerassem possuir os mesmos adversários sociais.

---

[78] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 3 Jun. 1935, p.3
[79] Ibidem, p.6
[80] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.2

Para o movimento, “as ditaduras que defendem aqueles princípios basilares de Deus, Pátria e da Família, serão evidentemente mais suaves, mais benéficas e mais progressistas”, uma vez que movimentos que querem “reedificar a sociedade sem deus, sem pátria, sem família, derroca os fundamentos da propriedade sociedade. É ilógico e anticientífica[81]”. Portanto, embora o projeto integralista, diferente do caso italiano, não tenha alcançado o poder, podemos verificar uma predisposição integralista em cooperar com as instiuições cristãs, baseadas em seu caráter espiritual.

Para Medeiros (1978, p. 571) seria a prioridade do espiritualismo e do ideário sobre a realidade social material “a responsável pela carência de estudos integralistas objetivos sobre economia, política e história”, alegando que, com raras exceções, os estudos nesta área “resumem-se a abordagens literárias, de fundo moralista”.

O movimento possuía grande influência dos pensamentos cristãos, uma vez que “o cristianismo, como demonstra a história dos povos, é o mais seguro orientador dos homens”, indo de encontro ao reinado do espirito sobre a matéria. Desta forma, o programa integralista seria realizado através da “implantação definitiva no solo virgem da América, sob o signo da cruz, iluminando o céu e as consciências, o reinado da paz, da ordem e da concórdia universal[82]”.

O movimento integralista defendia independência de ação entre Igreja e Estado, mas de forma que colaborassem “cada um em sua esfera para o bem geral da nação”. O movimento enaltece o nacional-socialismo, justamente por conceder, “no campo religioso, a mais ampla liberdade de credos, enquanto o bolchevique defende o princípio do ateísmo[83]”.

O integralismo respeita “integralmente a liberdade de consciência” e garante “liberdade de cultos desde que não constituam ameaça à paz e a harmonia social”, e “fará respeitar os sãos princípios cristãos da sociedade”, respeitando a autonomia religiosa, visando “a grandeza nacional dentro do ideal cristão da sociedade[84]”.

O elemento espiritual precede a doutrina, considerando o homem – que possui “os olhos e pés voltados para frente e por isto que ele crê em deus e marcha com força de sua fé para a conquista inevitável de sua vitória[85]”- e a sociedade numa concepção espiritualista de harmonia

---

[81] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.2
[82] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p. 5
[83] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 8. Jul. 1935, p.7
[84] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 5, 2ª quinzena de Fevereiro de 1934, p. 1.
[85] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 14. Set. 1935, p. 2

em sociedade, pautada na valoração do homem, dentro da ética e da inspiração crista[86], que se engrandece atraves do trabalho, do sacrificio pela Familia, Pátria e sociedade.

O integralismo defende a religião, pois "guia os povos no caminho da perfeição e da vida digna" e "porque o espirito religioso é inato ao homem[87]". Esta espiritualidade é consequência direta da luta contra o materialismo e da Revolução Espiritual defendida pelo movimento.

Novo Homem e Mulher

> E nessa marcha continuaremos a atravessas séculos sob as ordens de um só chefe, pois esse chefe não falhara, porque o chefe é nossa doutrina, o chefe é nosso grito de protesto, o chefe é a mocidade contínua que irradia a verdade sobre o continente, como o sol esplendido que produz luz sob nossas vistas.[88]

Para o Integralismo, Deus dirige os destinos do povo, e o homem deve praticar virtudes que elevem sua experiência e a moral, sendo um "soldado de Deus e da Pátria, homem-novo do Brasil que vai construir uma grande Nação[89]".

Ele deveria ser um homem de fé e virtuoso, que buscaria expandir suas capacidades intelectuais. "É o conjunto das realizações do novo homem que possibilitam a felicidade social e a grandeza da nacionalidade"[90].

O fascismo considerava a fé o valor mais importante para o homem fascista, à frente da cultura e da inteligência. A capacidade de devoção ao movimento era de suma importância para o Estado, que buscava construir uma comunidade organizada em torno de uma hierarquia inspirada na fé incondicional nos mitos fascistas (GENTILE, 2004, p.238).

O homem novo fascista exerceria sua existência integralmente dentro do Estado:

> El ciudadano del Estado corporativo es el productor que sabe que forma parte de una comunidad en la que los asociados realizan su propia vida y la llevan a cabo, políticamente, mediante actos y relaciones que son económico-sociales, pero también etico-politicos, porque el espíritu es uno e impregna cada uno de sus actos, cada una de sus realizaciones (GENTILE, 2004, p. 123).

O regime fascista incluiu o papel tradicional da mulher como esposa, mãe e educadora dentro tanto da família, quanto do Estado totalitário. Assim como devia produzir seus filhos

---

[86] "O integralismo está vivo: a Nação despertou, que Deus inspire o Chefe e conduza à vitória a sagrada bandeira do Sigma! ". *Monitor Integralista*, Ano 3, nº 10, 7 de maio de 1935, p.2.
[87] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 15. Set. 1935, p.1
[88] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.7
[89] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.1.
[90] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 6, 1ª quinzena de Maio de 1934, p.10.

para a Pátria, devia educá-los dentro dos preceitos militantes do partido, contribuindo para a construção do "novo homem" fascista. Desta forma, surgira um modelo da "nova mulher", que devia participar ativamente do movimento, com sua função pedagógica e assistencial (GENTILE, 2004, p.43-44).

O homem integralista devia possuir iniciativa[91], ser abgneado[92], amar à Patria, ter absoluta identificacao com a causa[93], devendo se submeter a disciplina "pela grandeza da nação[94]", além de ser espiritualmente elevado.

Os integralistas impunham à mulher ritos e símbolos semelhantes aos propagados ao homem integralista; as "camisas-azuis" além de vestimentas e regimentos padrões, participavam de atividades de assistência, de alfabetização e aprendizagem, de serviços sociais voluntários.

A mulher, portanto, deveria "dar o exemplo mais vivo" de "convicção e ardor pela causa (...) de trabalho, iniciativa, esforço, sacrifício e perseverança". Seria responsável por tarefas no lar, na sociedade e na Pátria, podendo "ser cientista, artista, escritora, técnica e representar politicamente sua classe" desde que "nunca deixe de cumprir os deveres inerentes ao seu estado". A mulher, cuja missão "é grandiosa (...) no lar e na pátria[95]", deveria "dar o exemplo mais vivo" de "convicção e ardor pela causa (...) de trabalho, iniciativa, esforço, sacrifício e perseverança". A mulher integralista seria virtuosa, elevando o espírito da prole, da pátria e de Deus[96].[97] Teria, portanto, a "grandiosa tarefa de modelar o caráter de seus filhos e formar uma geração de atlantes que erguerão aos ombros o "Gigante deitado em berço esplendido"[98]".

Essa medida fazia parte, portanto, da política totalitária fascista, que passava a buscar consenso entre massas através de variadas formas, de modo a obter um cidadão consciente de

---

[91] Se ocupando de serviços do integralismo sempre que possível, tendo sempre pronta a camisa verde, atendendo à convocação e ao dever imediatamente. *Monitor Integralista* nº 2, de dezembro de 1933, p.1

[92] Se sacrificando em favor da Ação Integralista. Ibidem, p. 4.

[93] Confessando seu temor a causa, onde estiver, de maneira entusiasmada. *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 4, 2ª quinzena de Janeiro de 1934, p.1

[94] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 6, 1ª quinzena de Maio de 1934, p.3

[95] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p. 8

[96] *Monitor Integralista*, Ano 4, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1936, p.6.

[97] Segundo Vasconcellos, "a hipótese espiritual no discurso integralista é a arraigada atitude moralista (...) a espiritualização do corpo e do amor constitui a contrapartida do ódio à sexualidade", para o autor a "separação entre mãe e mulher equivale à dicotomia repressiva entre ternura e sexualidade". Para Reich, esta seria a repressão sexual seria a principal característica dos regimes fascistas – tese muito questionada pela historiografia. VASCONCELLOS, Gilberto. *A Ideologia Curupira*, 1979, p. 29. E REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

[98] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 16. Out. 1935, p.3

seu papel no regime, disciplinado, leal e valente. Para tanto, nada mais importante que o espírito da família dirigido pelas mulheres, mães e educadoras. Segundo Maccicocchi (1977, p.92), o fascismo e o nazismo alcançaram o maior êxito dentre as formas de organização política em conseguir a participação das mulheres dentro do aparelho político de opressão, coerção e pressão ideológica.

A integralista "honrou a sua descendência histórica e patenteou o seu elevado espírito patriótico", encontrando no integralismo a defesa pela "santidade e pela pureza da família, pelo aperfeiçoamento físico, moral e intelectual de seus filhos". Deste modo, "quer como mãe, como esposa, filha ou irmã, ela coopera com eficiência, começando essa propaganda [dos preceitos do movimento] na sua própria casa, irradiando seu poder de ação pela sociedade[99]".

A mulher fascistizada ou adepta ao integralismo assume a função de suporte da família autoritária, corroborando a ideia de idolatria aos aspectos familiares, presente nos dois movimentos.

A integralista seria "diferente das outras mulheres. Ela não contempla com indiferença a miséria da nossa pátria, mas ela sofre; (...) não visa seus próprios interesses, mas se sacrifica em bem dos outros[100]". Assim, o movimento contava com esta mulher para "realizar a grande obra de reconstrução nacional", agindo com "inteligência de acordo com seus deveres morais e cívicos, trabalhando continuamente no sentido elevado de desenvolver o gênio da humanidade, fazendo florescer o idealismo[101]".

Para o Integralismo a Família é a primeira instituição social, sendo a mais importante, pois é onde se desenvolvem laços biológicos e morais. Desta maneira, o Estado integral deve fornecer estabilidade e fornecer meios para que a família se desenvolvesse dentro da concepção da educação integral[102].

> Nós levaremos nossa mocidade aos espíritos que envelheceram. A guerra que travamos é da eterna juventude. Nossa mocidade é entusiasmo, é sinceridade, é esperança. Esperança, sobretudo, porque temos em nossos olhos, a imagem do futuro[103].

Assim, no Estado Fascista, organizações funcionavam desde a infância até a universidade, e havia organizações de filiação obrigatória aos movimentos juvenis (PAXTON,

[99] Ibidem.
[100] Ibidem.
[101] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p. 8
[102] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.2
[103] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p. 5

2007, p.236). Era uma extensão ao desafio de talhar novos homens e mulheres, dentro do regime, através de associações recreativas, comícios, atividades físicas.

> Os regimes fascistas lançaram-se à construção do novo homem e da nova mulher (cada qual na esfera que lhe era própria). Era a desafiante tarefa dos sistemas educacionais fabricar "novos" homens e mulheres, que seriam simultaneamente lutadores e súditos obedientes. Os sistemas educacionais dos Estados liberais, além de sua missão de auxiliar os indivíduos a realizar seu potencial intelectual, já tinham o compromisso de moldar seus cidadãos. Os Estados fascistas puderam utilizar os quadros e a estrutura educacionais já existentes, introduzindo apenas uma alteração na ênfase e passando a privilegiar os esportes e o treinamento físico e militar. (PAXTON, 2007, p.236)

Assim como o fascismo, o integralismo buscava a primazia do espirito, através do ato da revolução do homem, que simboliza a força, a juventude, a renovação[104]. Para tanto, suas organizações buscavam exaltar a virilidade e a juventude, através de marchas e milícias, ou das organizações recreativas e juvenis[105], onde os quadros tinham a mesma organização das milícias integralistas, presando pela hierarquia, pelo simbolismo e rituais, exaltando a bravura e a juventude. Assim como a escola do regime italiano visava fascistizar os italianos desde pequenos[106], o integralismo buscava criar estruturas[107] que permitam essa empreitada.

A Ação Integralista Brasileira visava o mesmo fim, através de ações de regulamentos doutrinários tanto para crianças quanto para jovens, além das atividades de alfabetização e de educação física. Todas têm por "finalidade reunir, disciplinar e educar todos os brasileiros natos[108]".

O movimento possuía sociedades de Plinianos e Plinianas, onde os quadros tinham a mesma organização das milícias integralistas, presando pela hierarquia, pelo simbolismo e rituais, exaltando a bravura e a juventude. Assim como a escola no regime italiano visava fascistizar os italianos desde pequenos[109], o integralismo busca criar estruturas que permitam essa empreitada[110].

---

[104] "Ensinamos o nosso Caboclo a amar a deus, honrar sua pátria e defender sua família. Ensinamos ao Caboclo o hino nacional, que ele nunca ouviu. Damos ao Caboclo um caminho a seguir e um dever a cumprir". *O Aço Verde,* São Paulo, Ano I, nº 14. Set. 1935, p.4

[105] "Devemos, pois, semear no coração dos pequeninos esse puro e desinteressado sentimento que se chama solidariedade humana. " *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p. 8

[106] A fascistização iniciava-se com italianos e italianas entre 6 e os 18 anos, pela Opera Nazionale Balila. GENTILE, Emilio, *Fascismo. Historia e interpretación*, Alianza, Madrid, 2004, p. 43

[107] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 11. Ago. 1935, p.3

[108] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 9, 2ª quinzena de Dezembro de 1934, p.10.

[109] A fascistização iniciava-se com italianos e italianas entre 6 e os 18 anos, pela Opera Nazionale Balila. GENTILE, Emilio, *Fascismo. Historia e interpretación*, Alianza, Madrid, 2004, p. 43

[110] O Dopolavoro fora a tentativa mais ambiciosa do regime fascista de adentrar a sociedade italiana, através de clubes, práticas de esportes e exibição de filmes. PAXTON, Robert. *A anatomia do Fascismo*, 2007, p. 207

Milicia, Simbolismo e Mitificação do Líder

> Quando a milícia dos camisas verdes passa marchando pelas avenidas é logo envolvida e bombardeada pelos risinhos dos camisas sem cor. Eles desfrutam perenemente o bem-estar e a segurança que a covardia de sua descoloração lhes assegura. É por isso que eles estão parados, riem-se de nós, que estamos marchando.[111]

O movimento visava "organizar o Brasil", sendo "pela rigorosa hierarquia dos valores", valorizando "o respeito e a obediência dos subordinados em relação aos superiores", que possuiriam "autoridade absoluta", de forma a não ocorrer o "choque catastrófico dos pequenos interesses particulares[112]".

Para tanto, utilizava extenso aparato de controle e mobilização de seus partidários, como a Milícia dos Camisas Verdes. Para os milicianos do Sigma, a "violência dos extremistas modernos não é uma violência voluntária (...) não é uma atitude", mas "é uma fatalidade", uma vez que não compreendem "a construção de um novo estado de coisas sem sacrifício" para uma geração onde "felicidade não é tranquilidade". Desta forma, para os integralistas essa época de "construção violenta de um novo mundo é a época da verdadeira felicidade, da felicidade surgida dos sentimentos supremos[113]".

O movimento fomenta, portanto, essa violência "pela missão que julga ter nos destinos do mundo", como ocorre nos movimentos fascistas europeus, uma vez que "a violência do fanatismo ideológico da nova geração é a própria condição da felicidade da sua vida", já que "ela compreendeu a sua época e já formou seu conceito de bem-estar[114]". Esta violência é justificada por estarem "criando uma consciência nacional num país que nunca a teve, que ficaria eternamente sem ela, acabando por se esfacelar", de forma que seriam "extremistas porque nós nos definimos pelos princípios espiritualistas[115]" da pátria.

Os integralistas, assim com os fascistas, valorizavam o universo simbólico e cerimonial. Já na primeira edição do *Monitor*, se encontra o relato sobre "grande demonstração cívica em homenagem à Bandeira Nacional"[116], onde se concentraram 1800 "camisas verdes" – outro elemento da simbologia integralista -; relatos sobre a "Vigila da Nação", onde todos os integralistas prestariam um minuto de silencio, "concentrando o pensamento em Deus e na

---

[111] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 6. Jun. 1935, p. 7
[112] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p.5
[113] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2 Mai. 1935, p.3
[114] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2 Mai. 1935, p.3
[115] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 3 Jun. 1935, p.2
[116] *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.1.

Pátria”[117],;homenagens aos “que tombam na defesa de um ideal elevado”, exaltando o sacrifício de milicianos bravos, oferecendo “um exemplo edificante de fé e de amor à causa que abraçam”[118].

> Las principales ceremonias públicas del fascismo (...) fueron organizadas no sólo para dar una imagen estéticamente sugestiva de la potencia del movimiento, sino también para visualizar simbólicamente el mito del Estado nuevo fascista, representado como una “comunidad moral”, fundada en una fe común, que unía las clases y las generaciones en el culto a la nación. (GENTILE, 2004, p. 240)

Para Gentile (2004, p. 238), os fascistas eram cientes da importância dos símbolos e ritos na moderna política de massas, e, portanto, povoavam o universo simbólico com numerosos mitos e rituais de modo a compactar a essência da religião fascista em torno de um sentido de comunidade, uma vez que o “pensamento mítico” combinava com a concepção de “militância política” dentro do regime.

O integralismo se dedicou aos ritos e símbolos, criando protocolos que buscavam construir uma identidade uniforme entre seus adeptos. Para Tavares (1992, p.194), “com o tempo, a simbologia, o ritual e o cerimonial, pela própria natureza “emocional” inerente ao movimento, passarão a constituir elementos relevantes da AIB”.

O símbolo do movimento era a letra Sigma, que era a “letra com a qual os primeiros cristãos da Grécia indicaram a palavra “Deus””, “o nome da estrela polar do hemisfério sul”, “a letra escolhida por Leibniz para indicar a soma dos finitamente pequenos[119]”, servia “para lembrar que o movimento buscava integrar as forças nacionais”.

A bandeira integralista era composta “em campo azul real, uma esfera branca, ao centro da qual se destaca um sigma maiúsculo em cor preta”, onde, segundo Schmidt (2008, p. 111), o Sigma representa a integralização de todas as forças sociais nacionais, o azul representa a atitude do pensamento integralista, enquanto a cor branca é resultante da mistura de todas as cores.

Os distintivos eram carregados de simbolismos integralistas, e eram de uso obrigatório[120] e era utilizada juntamente com o uniforme integralista, cor “verde-inglês”, gravata preta, distintivos nos braços, calças pretas – para mulheres, saias brancas ou pretas –

---

[117] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 5, 2ª quinzena de Fevereiro de 1934, p.3.
[118] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.4
[119] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 7, 2ª quinzena de Agosto de 1934, p.4.
[120] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 6, 1ª quinzena de Maio de 1934, p.11.

cintos e sapatos pretos[121]. Havia também insígnias que correspondiam a organização hierárquica do movimento[122], além de passadeiras para os cargos[123].

Em diversas edições do boletim havia normas sobre ritos e celebrações integralistas, de forma a estabelecer relações sociais de pertencimento entre os milicianos.

Os ritos integralistas eram, muitas vezes, variações e reinterpretações de elementos do cristianismo, como batismo, casamento e funeral, de maneira que estabelecesse ligação afetiva com tradições ritualísticas já disseminadas, mitificando ainda mais o movimento. Segundo Levine (1980, p.135-149), os rituais e cerimoniais integralistas eram realizadas de maneira minuciosa e elaborada com a função de “despertar o interesse dos adeptos”.

O movimento utilizava conflitos e as paradas integralistas de forma a fomentar esse sentimento de soldado da pátria e a adesão de novos participantes, como na exibição de documentários sobre os Camisas Verdes, em brigas, paradas e homenagens, em sessões de cinema[124], que possuíam cerca de vinte filmes, agrupados em três programas[125].

Esses simbolismos, aliados a organização do movimento, promovem a simbiose entre milicianos e partido, através dessa integração e redução de diferenças sociais, visando a adesão coletiva ao proposto pelo movimento. Esta ferramenta era parte integrante da máquina fascista, de maneira a uniformizar e integrar a sociedade, ferramenta essa amplamente difundida pelo movimento integralista brasileiro. Assim como o fascismo utilizava o apelo às emoções, através de rituais e cerimônias meticulosamente encenadas, de forma a dirigir uma política voltada as massas (PAXTON, 2007, p. 38), o integralismo seguiu esta direção.

Para Gentile (2004, p. 228) essa sacralização de rituais e símbolos, corroborava a ideia de devoção à pátria, estreitando a comunhão entre os integrantes do movimento, que passavam a experimentar a política como uma “experiência total” que irai “renovar todas as formas de existência”.

> Solo a través de mitos, ritos y símbolos era posible implicar al individuo y a la colectividad en el “cuerpo político” de la comunidad, y dar la percepción inmediata de la continua realización del mito del Estado totalitario en la consciencia colectiva. (GENTILE, 2004, p. 178)

---

[121] Ibidem, p.6.
[122] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1934, p.11.
[123] *Monitor Integralista*, Ano 4, nº 8, 1ª quinzena de Dezembro de 1936, p.9.
[124] *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.2.
[125] *Monitor Integralista*, Ano 5, nº 22, 7 de Outubro de 1937, p.7.

O *Monitor* Integralista nº 18[126] contém os “Protocolos e Rituais da AIB”, estabelecendo que o Chefe Nacional é a “síntese de todos os anseios integralistas”, sendo “mais que uma pessoa, uma ideia”, sendo, portanto “inatingível”, demonstrando a mistificação em torno da figura do líder.

> Expressões como “enviado do futuro”, “aquele que sabe”, “aquele que interpreta o sentido da história”, “gênio político” etc., revelam bem o messianismo carismático de Salgado. (MEDEIROS, 1978, p. 573)

O fascismo italiano personificava em Mussolini sua missão e destino, transformando-o num “indivíduo dotado de poderes considerados extraordinários por seus seguidores” que o aceitam com obediência e devoção, venerando esta personificação no chefe do movimento (GENTILE, 2004, p.132).

A figura do chefe autoritário é, segundo Gentile (2004, p. 181), coerente com a concepção totalitária de Estado, tanto pela concentração de poderes em um único ponto, quanto pela organização da política baseada no mito do chefe, trabalhando como ponto de personificação e referencial ao culto mítico, e como fonte de autoridade dentro do partido.

> Se considerarmos, no entanto, a interpretação que Plínio oferece para sua própria liderança – sempre colocada em termos de força “mediúnica”, “divinatória”, reveladora de “marchas”, “ímpetos” e “direções irresistíveis” que somente ele era capaz de “ouvir e vocalizar – liderança está inserida num contexto de “missão” e “cruzada” espiritualista, não se pode, certamente, negar a natureza inerentemente carismática (e o carisma funcionava aí como ponte para o messianismo) de Salgado. (MEDEIROS, 1978, p. 540)

Para Tavares (1992, p.177), as próprias características centralizadoras e individualizadoras da AIB, além de sua organização totalitária, contribuem para o tratamento do Chefe como poderoso centro de decisão.

> O mito do chefe, aliás, constituía a ideia básica da ideologia nazifascista e ponto central do pensamento de Plínio Salgado. (...) mais que tudo, a própria estruturação do movimento e a sua pratica refletirão essa tendência, com a adoção da chefia fortemente centralizada. (TAVARES, 1992, p. 199)

Paxton (2007, p.217) afirma que “líder e partido fundem-se numa manifestação única de vontade nacional” dentro da propaganda fascista. Do mesmo modo a máquina integralista busca edificar a imagem de Salgado entre “chefe político” e “chefe religioso”. Verificamos em todas as publicações a linguagem e os tratamentos utilizados para enaltecer o papel do chefe nacional, dentro de um discurso de grandiosidade, baseado na retórica da emoção.

> E nessa marcha continuaremos a atravessas séculos sob as ordens de um só chefe, pois esse chefe não falhara, porque é o chefe é nossa doutrina, o chefe é nosso grito de

---

[126] *Monitor Integralista*, Ano 5, nº 18, 10 de Abril de 1937

> protesto, o chefe é a mocidade contínua que irradia a verdade sobre o continente, como o sol esplêndido que produz luz sobre nossas vistas[127].

Antimaterialismo, anticosmopolitismo e anticomunismo

> A humanidade influenciada pelo espiritualismo e pelo materialismo caminha hoje por duas grandes vias a primeira vista divergentes: a que conduz certamente ai primado do espirito e a que parece terminar no primado da matéria. (...) O comunismo é uma expressão acabada da involução humana[128].

Contrário ao liberalismo, sua rejeição se dá ao Estado liberal, em suas formas monárquicas ou republicanas, "unidimensional", que não compreende a dimensão do homem; contra seus princípios de sufrágio universal[129], sistema multipartidário[130] e liberdade política, que ameaçam a "disciplina e o equilíbrio social".

O movimento brasileiro se posta como terceira via, ao dizer que o Integralismo não "possui o espírito subjetivista e inexequível do liberalismo" nem tanto "o fundo extremista e absorvente do comunismo[131]". Assim como o fascismo[132], que segundo Paxton (2007, p.25) atacava com veemência os socialistas e o capitalismo financeiro internacional, o integralismo se posta contrário aos "falsos remédios" liberais, democráticos, legalistas e comunistas. Os fascistas criticavam o materialismo, pois ele proporcionava a "indiferença para com a nação e a incapacidade de incitar as almas" (PAXTON, 2007, p.27).

Diversas edições de seu boletim noticiam conflitos entre integralistas e comunistas que objetivavam "perturbar a ordem"[133]. Os integralistas se posicionavam contrários ao ateísmo comunista, que defende "uma Pátria sem Deus" e que leva "as massas humanas à escravidão[134]".

---

[127] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935,p.7

[128] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 14. Set. 1935, p.1

[129]Segundo a AIB, o "erro fundamental, o erro dos erros, no que concerne à constituição dos poderes, foi sempre, e será o que consagra nosso regime eleitoral, com a imensa elasticidade do sufrágio e a sua nenhuma significação (...) da nossa vitalidade social". Assim, o "voto universal considerado como direito, é uma falsidade; e foi essa falsidade que a republica velha consagrou", pois, "o voto quanto mais ganha em extensão, mais perde em intensidade (...) se torna dissonante com os caráteres específicos da região. " *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2 Mai. 1935, p. 4

[130] Apartidários, eram contra o voto, que fragmentava e corrompia a nação, assim, seu "ideal não é a vitória de um partido; não é nem mesmo o bem de uma região ou de uma província. Nosso ideal é o Brasil". *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.5

[131] *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.3.

[132] "Atacavam o capitalismo financeiro internacional com quase a mesma veemência com que atacavam os socialistas" PAXTON, Robert. *A anatomia do Fascismo*, 2007, p. 25

[133] *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.1.

[134] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 5, 2ª quinzena de Fevereiro de 1934, p.6.

Segundo Paxton (2007, p. 25) as brigas de rua entre fascistas e jovens comunistas eram propagadas em diversos meios de comunicação e constavam entre as mais poderosas imagens de propaganda da máquina fascista. Essa abordagem não foge aos integralistas que realizavam filmagem dos conflitos com os comunistas, tendo um de seus vídeos capturado "durante o conflito a cena em que se vê um comunista dominado por uma senhorita integralista[135]", numa das brigas noticiadas pelo boletim.

Contra as degenerações causadas pelo materialismo, em sua forma capitalista-liberal e comunista, tanto o integralismo quanto o fascismo propuseram - além da extinção dos partidos, da democracia liberal, da instauração de um Estado corporativista - uma "revolução espiritual", que faria surgir "um novo homem, renovado no corpo e na alma".

> O confronto permanente entre bem e mal explica-se, segundo Salgado, pela oposição entre duas concepções de vida e de finalidade: o materialismo e o espiritualismo. Quando o espiritualismo predomina, a luta se atenua, porque os fatores de apaziguamento (a bondade, solidariedade, senso estético e religioso) entram em composição; quando porem reina o materialismo, prevalecem os fatores de desagregação humana (orgulho, vaidade, rebelião, indisciplina) que são as causas do desaparecimento das nações e das civilizações. (TRINDADE, 1979, p. 211)

Um dos pontos de rejeição do imaginário fascista, é a luta contra o avanço do comunismo, que, assim como o liberalismo democrático, era tratado como inimigo da nação, já que representava através da luta de classes e seu projeto internacionalista, a destruição da propriedade privada e a superação das ideologias de supremacia nacional (HOBSBAWN , 1995).

> Como se percebe, para Plínio, como, aliás, para a sociologia crista e para o idealismo e a metafisica de maneira geral, o socialismo (e sobretudo o marxismo) era um verdadeiro anti-humanismo, uma visão "unilateral" e por isso mesmo "deformada" do homem, pois que não cogitava "as outras aspirações do caráter humano". O marxismo é aí concebido como um materialismo de tipo mecanicista, vulgar, naturalista, darwinista, onde somente o "lado material" (o econômico, os apetites e os instintos) do homem seria considerado. A esta concepção materialista opor-se-ia a outra, espiritualista, que consideraria o "lado humano" do homem, um atributo de sua religiosidade e de seu idealismo. Matéria e espírito, o lado vil e o lado nobre do homem seriam duas forças contraditórias a puxa-lo para o bem ou para o mal conforme uma ou outra prevalecessem. (MEDEIROS, 1978, p. 549)

Explicitam que nos países comunistas, através dos partidos políticos, ficam "distraindo o povo, tomando o tempo dos pais de família, votando constituições dentro das quais todas as

---

[135] Conflito entre Integralistas e comunistas, filmado por "duas empresas cinematográficas". *Monitor Integralista*, Ano 1, nº 1, 1ª quinzena de Dezembro de 1933, p.1.

licenciosidades são permitidas, inclusive a de se pregar contra a família, contra a pátria e a religião", enquanto suas "filhas são arrastadas para o meio da rua e violentadas[136]".[137]

> Duas bandeiras semelhantes já se desfraldam aos ventos em todos os rimões da Pátria. Uma é igual em todo mundo. É rubra como sangue derramado nos massacres na Rússia em toda a parte; a outra é Azul e Branca e esta em todos os lares.[138]

Os que aderiam ao comunismo, o fariam "somente para justificar a própria degradação sexual, o desmoronamento de sua família, a mancha de seu lar[139]", ou seja, seriam traidores dos princípios necessários para felicidade da nação.

Nesta empreitada contra o comunismo, a AIB exalta o fascismo italiano. A capa da quarta edição de *O Aço Verde* retrata a comparação entre comunismo e fascismo, com a foto de mulheres amamentando, supostamente, no regime soviético e no regime fascista. Este artigo demonstra a superioridade do regime de extrema direita, por primar pela pátria e pela família[140]. Segundo o movimento integralista, o "comunismo não permite que os pais fiquem com os filhos" uma vez que "quando uma mulher tem filho, deve entrega-lo imediatamente ao governo", enquanto no regime fascista ocorre "a dignidade e a liberdade", uma vez que os homens são livres. Por fim, concluem que os soviéticos são "tarados que não tem família, não tem pátria, não respeitam deus[141]".

> Não se deve, portanto, pensar que o integralismo vai "lutar" contra o comunismo e contra o liberalismo. O integralismo vai "resolver" o comunismo e o liberalismo, como vai resolver, por exemplo, o problema da seca do nordeste ou da broca do cajé[142].

---

[136] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2. Mai. 1935, p.3

[137] Segundo Chauí, "há a fabricação da imagem comunista, não apenas como anticristo, mas ainda como apocalipse, na medida em que, favorável ao incesto, o comunista liquida a civilização. É interessante, sobretudo, notar qual é, no momento, o inimigo visado: o intelectual de esquerda, o agente externo. A escolha desse inimigo permite separar a classe operária e seus supostos mentores teóricos, de sorte que a substituição destes últimos pelo pregador integralista seja possível". CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica a Ação Integralista. In: CHAUÍ, Marilena & Franco, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978. p.99

[138] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 10. Ago. 1935, p.3

[139] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 2. Mai. 1935, p.2

[140] No regime comunista a mulher "deixa de ser mãe para ser uma máquina de fabricar escravos para o soviético". A foto que ilustra a capa, são mulheres enfileiradas amamentando. Segundo o artigo, portanto, enquanto as mulheres soviéticas deviam amamentar crianças que não são delas, mas do Estado, feito máquinas, no regime fascista, "os pais são donos das crianças", uma vez que "o governo fascista ajuda as mães", sem "transformar mulheres em escravas" do regime. Desta forma, o princípio de Pátria e Família não existiria no comunismo, o que iria contra a doutrina integralista. *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 4. Jun. 1935, p.1

[141] Ibidem p.1

[142] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 6. Jun. 1935 p. 2

Exaltam também o regime alemão[143], por ter iniciado "a mais temível campanha contra Moscou", avançando "contra o judaísmo dos sovietes", "expulsou os judeus comunistas ou simpatizantes do credo de Moscou", e concluem que "o mundo inteiro, a começar pela França, deveria ficar agradecida a seu salvador"[144], Hitler.

Surge, contudo, um ponto interessante, no que diz respeito ao antissemitismo. Enquanto é um tema totalmente refutado nas publicações internas oficiais do movimento, conforme verificado nas páginas do *Monitor* Integralista, se encontra em diversas das publicações de propaganda integralista analisadas nos periódicos *O Aço Verde*.

O antissemitismo aparece através de afirmações que dão conta de que "o judeu internacional não vencerá", não mais escravizando nossa terra e nosso povo, "não mais martirizaremos, famintos, no trabalho de cada dia, a fim de entregarmos o produto ao judeu", "para os banqueiros de Londres e Nova Iorque", lutando para fazer um "Brasil grande e livre, e o brasileiro trabalhar para si e para pátria[145]". O movimento discursa que, "iluminado pela grandiosa trindade" de Deus, Pátria e Família, "o judeu não poderá vencer, não poderá roubar o suor dos povos"[146]. Relaciona, ainda, o judeu internacional com o comunista e com o satanás[147], tríade esta que estaria apenas interessada em deturpar a família e a nação, explorando o homem.

Portanto, podemos associar esta influência antissemita aos movimentos fascistas, principalmente o nacional-socialismo, salientando, contudo, que era bandeira em voga no período, além de não se fazer presente nos regimentos internos do Sigma[148].

Originalidade, anticosmopolitismo e nacionalismo

---

[143] Exaltam o regime nacional-socialista, uma vez que seu "mundo é de ideias encontra-se precisamente do lado oposto aquele em que se mantem a Rússia soviética. A Alemanha tem tendências nacionalistas e o bolchevismo é internacional. " *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 8. Jul. 1935, p.7

[144] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 5. Jun. 1935, p.2

[145] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 1. Mai. 1935, p.7

[146] Ibidem.

[147] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 7. Jul. 1935, p.2

[148] Pode-se levar reflexões acerca do tema, uma vez que constavam nos periódicos, mas não nos regimentos. Esta ausência se dá por ser um tema não endossado por todos os militantes do movimento, ou por conta das características plurais da sociedade brasileira? Poderíamos ir além, e considerar um antissemitismo com viés mais político e econômico, do que social e religioso? Parece um ponto que merece mais atenção em futuros estudos.

> Os pontos de contato dos movimentos nacionalistas modernos podem ser resumidos no seguinte: são todos anticomunistas, nacionalistas, corporativistas e propugam pela economia dirigida, admitindo a propriedade privada[149].

O integralismo enfatiza a unidade nacional, a consciência nacional e o anticosmopolitismo. Segundo Trindade (1979, p.98), o cosmopolitismo e a consciência nacional seriam indissociáveis, uma vez que a influência cosmopolita destrói a consciência nacional para os integralistas. “O Cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combate-lo é o nosso dever. (...) estão enraizados, principalmente em nossa burguesia (...)”[150]. O nacionalismo integralista é pautado na “fonte do espirito nacional”, que se encontra no culto a história e a tradição brasileira, e na negação da influência estrangeira.

> Levantando-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo o que é útil e belo, no caráter e nos costumes brasileiros. Para unir todos os brasileiros num só espirito: o tapuio amazônico; o nordestino; o sertanejo das províncias nortistas e centrais; os caiçaras e piraquaras, vaqueiros, capixabas, calungas, garimpeiros; os boiadeiros e tropeiros; colonos, sitiantes, agregados, pequenos artífices; operariado; a mocidade das escolas; os comerciantes, industriais, fazendeiros (...) todos os que ainda tem no coração o amor de seus maiores e o entusiasmo pelo Brasil[151].

A AIB, por ser “violentamente nacionalista[152]”, refutava qualquer influência estrangeira, uma vez que toda crise da “sociedade brasileira residia na deletéria influência do Ocidente” (VASCONCELLOS, 1979, p.47).

Essa é uma característica encontrada no fascismo italiano, uma vez que é caracterizado como “essencialmente a mobilização de um sentimento nacional exacerbado”. Os integralistas, segundo obra de Trindade (1979, p.265), possuem alto grau de identificação com nacionalismo se organizando perante o “culto ao passado, da afirmação da independência e da fé no futuro da nação”.

Enquanto o nacionalismo europeu é voltado para as glorias passadas, em um passado que se impõe ao presente (GENTILE, 2004, p.96), devendo respeitar e transmitir as tradições e glorias do passado para a sociedade, o nacionalismo integralista visava a hegemonia do nacional, a criação de alternativas pautadas na tradição, de modo a dirigir o futuro. No entanto, os dois exaltam a juventude, a luta, a virilidade e o dinamismo. Segundo Trindade (1979, p.279)

---

[149] *O Integralista*, São Paulo, Ano IV, nº7. Jun. 1936, p.1
[150] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 7, 2ª quinzena de Agosto de 1934, p.10.
[151] Ibidem.
[152] Ibidem, p.5

> Um dos paradoxos do fascismo é que ele simboliza uma tentativa de renovação, ao mesmo tempo, que defende o retorno ao passado. Ao lado da exaltação da juventude e do mito da nova sociedade fascista desenvolve-se uma nostalgia dos valores tradicionais. Este tradicionalismo não é necessariamente uma tomada de posição reacionária porque o fascismo não quer um puro retorno ao passado, mas a conservação dos valores tradicionais renovados. O que o fascismo realiza é uma simbiose entre o elemento tradicional, o corporativismo medieval, e um elemento moderno, o Estado nacional intervencionista.

O integralismo reivindica uma tradição nacional: "Temos de invocar nossas tradições gloriosas: temos de nos afirmar como um unido e forte, que nada mais poderá dividir"[153].

> O nacionalismo para nós não é apenas o culto a bandeira e do hino nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da pátria e do valor da raça[154].

Segundo o *Monitor*, desde o surgimento do movimento integralista, uma "palavra nova avança sobre todo o território nacional" propagando o pensamento de uma nova Nação. Essa propagação estaria sendo feita pelos "Bandeirantes do século XX", integralistas que fomentam o nacionalismo, e traçam "novos rumos" e indicam "novos meridianos à consciência dos brasileiros[155]".

Residia, portanto, nesse anticosmopolitismo[156], o entrave para apropriação do fascismo pelos integralistas. Como movimento que negava qualquer influência estrangeira, a AIB não podia absorver abertamente influência de qualquer doutrina exógena. A fim de provar originalidade e a autonomia da proposta integralista, reiterando o discurso nacional e anticosmopolita dos adeptos plinianos, o movimento enfatiza suas bases nacionais, ignorando qualquer influência do fascismo, reafirmando as aspirações nacionais dos integralistas e evitando assumir claramente as tendências fascistas dentro do programa, já que o movimento negava qualquer influência exógena.

Segundo AIB, o "cosmopolitismo das capitais" teria "marchado no ritmo da civilização" enquanto o "Brasil verdadeiro ficou perdido no sertão. O primeiro estava em contato com todas as ideias do mundo de então, deixando-se enlear pela rede da filosofia materialista", grande mal do mundo, conforme veremos à frente, enquanto o "segundo, permaneceu unido à terra, alheio ao turbilhão do século, resignado com as energias infinitas da raça".

---

[153] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 7, 2ª quinzena de Agosto de 1934, p.10.
[154] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 7, 2ª quinzena de Agosto de 1934, p.10.
[155] *Monitor Integralista*, Ano 3, nº 12, Outubro de 1935, p.2.
[156] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 4. Jun. 1935, p. 5

Necessariamente por conta dessa busca de afirmação duma doutrina autóctone, que se encontram apenas duas vezes nas vinte edições do boletim oficial integralista, citações diretas sobre o Fascismo. A primeira em sua segunda edição, e na sexta edição, de 1934. Em sua segunda edição, na segunda quinzena de dezembro de 1933, há um artigo intitulado "O Integralismo na Imprensa Estrangeira", onde se notícia que uma agencia italiana denominada "Agencia de Roma" recebeu "notícias sobre a formação de um movimento político do tipo fascista", que tem como líder Plínio Salgado, que, segundo a Agencia de Roma, iniciou e fundou o movimento político brasileiro após longa viagem de estudos realizados na Itália, onde constatou que a criação de Mussolini de uma nova Itália "não poderá trancar-se aqui", já que fornece aos cidadãos "o conteúdo ideológico do Estado que deverá construir a essência dos princípios políticos dos países que preferirem uma humanidade humana a uma mecânica"[157].

Na segunda referência, o boletim apresenta as repercussões que o movimento integralista vem recebendo dentro de outros regimes fascistas, entre os jornais fascistas ingleses, portugueses, alemães e italianos, onde destacam ser o integralismo "um partido de reconstrução nacional, que se inspira em todo o seu programa no exemplo do Fascismo"[158]. Além de não corroborar com a ideia de originalidade do movimento, essa associação poderia se tornar prejudicial a imagem do grupo dentro da sociedade brasileira, fragmentada politicamente, e que passava a conviver com um novo regime político, principalmente após o movimento assumir caráter partidário, essa não seria uma associação positiva. De tal maneira, analisamos que estas sejam as principais causas para o ocultamento do fascismo no *Monitor* Integralista nas demais edições.

No entanto, nos demais periódicos analisados não primavam por refutar a influência fascista, ocultando referências explícitas a estes regimes, como o *Monitor* Integralista, onde fora encontrada somente duas vezes notícias sobre o Fascismo, em suas vinte edições; nestes periódicos analisados foram encontradas diversas menções e exaltações diretas aos regimes europeus. Os artigos encontrados nestas publicações, por sua vez, buscam traçar paralelos entre estas experiências que "fizeram revoluções sociais de caráter nacionalista e valores" que "tem empolgado o mundo nesses últimos anos", mas ressaltando "diferenças essências entre os princípios que os baseiam[159]".

---

[157] *Monitor Integralista* nº 2, de dezembro de 1933, p.1.
[158] *Monitor Integralista*, Ano 2, nº 6, 1ª quinzena de Maio de 1934, p. 2.
[159] *O Integralista*, São Paulo, Ano IV, nº7. Jun. 1936, p.1

Segundo Medeiros (1978), Salgado estabeleceria o “parentesco” entre fascismo e integralismo, uma vez que tratava o fascismo como um “caminho” para o integralismo;

> Este estaria “à frente” daquele. A correlação entre o modernismo literário brasileiro e o integralismo, de um lado, e o futurismo italiano e o fascismo, além de ser constatada por Plínio, o fora também por Mussolini. (...) Plínio afinal colocava o fascismo e o integralismo, ambos para ele formas de um nacionalismo moderno, dentro de um mesmo e único contexto político mundial. Cada nação, afirmando-se autoritariamente (os nacionalismos modernos seriam “uma recomposição da autoridade do Estado” num sentido “ético”), formariam, em conjunto, um “internacionalismo de Pátrias”. Tudo indica, aliás, através da soma de suas inúmeras alusões à irradiação continental do integralismo (para ele a ideologia ótima do século XX) que Plínio acreditava então numa progressão histórica invencível destes regimes “nacionalistas-autoritários-éticos” à escala mundial, configurando todos eles, afinal, em conjunto, o futuro da humanidade. (MEDEIROS, 1978, p. 556-557)

Assim, buscando a originalidade, o integralismo considera “o fascismo uma tendência forte para o integralismo, mas não é ainda o integralismo[160]”, uma vez que a “grande e sadia reação nacionalista que partiu da Itália e se estendeu a vários países da Europa até o novo mundo[161]”, possui duas características diferentes do Integralismo: a realidade encontrada no Brasil e a característica espiritual do movimento.

Reside, portanto, na necessidade de construir um Estado Integralista, nacionalista e anticosmopolita, o grande entrave em assumir influencias exógenas: como ser nacionalista “copiando um estado estrangeiro?”; não seria, assim, “nacional e o princípio doutrinário teria caído por terra”. Refutam por completo a influência do fascismo italiano - mesmo que exaltando a experiência italiana em diversas publicações-, uma vez que aceitar essa comparação refutaria todo o princípio do programa brasileiro. Essa necessidade de originalidade provoca malabarismos argumentativos, atrelados aos discursos retóricos embasados em sentimentalismo e ardor nacional. Para a AIB, o fato desses regimes se posicionarem como nacionalistas, já basta para que sejam todos “manifestações absolutamente originais”, uma vez que o princípio estabelecido seria o nacionalismo, e deixaria de haver o próprio “nacionalismo no dia em que umas copiassem as outras[162]”. Contudo, como verificamos em diversos pontos da estrutura do movimento, não passa de discurso vazio essa refuta às influências internacionais, que, por sua vez, faziam parte do conjunto de discussões intelectuais e políticas de toda sociedade.

---

[160] *O Integralista*, São Paulo, Ano I, nº1. Nov. 1932, p.2
[161] Segundo este artigo, até mesmo o *New Deal* norte americano seria uma forma de fascismo. Ibidem, p.3
[162] *O Aço Verde*, São Paulo, Ano I, nº 7. Jul. 1935, p. 1

CONCLUSÕES

O entre guerras foi um período de efervescentes transformações sociais, culturais e políticas em todo o mundo. Na Europa surgia o fascismo, pregando contra as correntes políticas em voga, principalmente o socialismo e o liberalismo. Este movimento obteve sucesso principalmente com o Partido Nacional Fascista na Itália e com o Nacional-socialismo alemão.

Nestes dois casos, os movimentos fascistas chegaram ao poder sem a necessidade de golpe ou então vitória no pleito eleitoral: foram convidados a governar regimes já abalados, onde o Estado liberal já sofria duras críticas e o avanço do socialismo já se fazia presente.

Através de uma nova organização estatal, o fascismo italiano passou a fascistizar o Estado, por meio de seu regime ditatorial. Não bastava apenas governar as massas e as instituições, era necessário sacralizar o regime. Para tanto, o fascismo buscou a construção de novos homens e mulheres, através de instituições doutrinarias, do processo pedagógico e da utilização da máquina midiática. Fundou-se um pensamento mítico em torno da política, através da revolução integral e contínua do Estado, através da simbiose entre indivíduo e comunidade, comunidade e Estado. O partido único visava subordinar integralmente o indivíduo ao Estado, através da total devoção, da disciplina e do corporativismo (GENTILE, 2004).

Formara-se, então, um sistema político fundado na relação entre partido e Estado, na devoção dos milicianos e na forte figura do chefe nacional, um governante carismático que passa a governar envolto por uma aura mítica, capaz de engrandecer o regime, a sociedade e a pátria.

O cenário brasileiro, nas décadas de 1920 e 1930, era de grande ebulição política e social. Rompia-se com a "República Velha" através da Revolução de 1930, e passava-se a assentar bases para o Estado Novo, anos mais tarde. Neste quadro, diversos projetos políticos surgiam, pautados também pelas experiências europeias, fosse por influência ou repulsa.

No tumultuado ideário político social brasileiro que permitira a ascensão e estabelecimento do regime de Vargas, duas correntes opostas disputavam a relevância na participação social: a Aliança Nacional Libertadora e seu projeto socialista, e a Ação Integralista Brasileira, pautada num extremo-conservadorismo, defendendo o nacionalismo, o anticosmopolitismo, o Estado Integral e a Revolução Espiritual.

O Integralismo, surgido inicialmente como centro de estudos, passando por movimento até chegar ao status de partido político, pregou a defesa do nacionalismo e do cristianismo. Visou a criação de um Estado Integral, onde seriam abolidas as influências do materialismo, encontradas tanto no liberalismo quanto no comunismo. Para tanto, através de

um partido único e centralizador, extinguiria a democracia e os partidos políticos, considerados como uma chaga que corrompe e divide a sociedade. Propunha uma renovação espiritual cristã, onde o novo cidadão renasceria voltado para o bem maior da Pátria, através da cooperação entre as classes num novo regime político-social.

A AIB exaltava um Chefe Nacional, que guiado pelo fervoroso espirito nacional e cristão, dava unidade e direções à jornada integralista, renovando as esperanças dos milicianos.

As semelhanças e aspirações entre o Integralismo e o regime Fascista não se esgotam nessas simples características. Conforme fora objetivado na formulação deste trabalho, analisamos através do principal boletim do movimento integralista, o *Monitor Integralista*, e em dois periódicos, *O Aço Verde* e *O Integralista*, elementos da influência fascista na formulação do ideário do movimento liderado por Plínio Salgado.

O *Monitor*, por se tratar de um boletim e não de um periódico, publicava em suas edições apenas resoluções e estatutos do movimento, não havendo textos opinativos que mostrassem a influência ou exaltação de outras experiências políticas. Desta maneira, através das regras e estatutos que o movimento fora traçando no decorrer deste período analisado – 1933 a 1937 – visou-se analisar semelhanças doutrinarias com o regime italiano. Tratando-se de um boletim e não um texto panfletário, pouco se encontrou de referências diretas ao fascismo italiano: apenas dois informativos davam conta da reverberação das ações integralistas entre outros órgãos fascistas europeus.

Analisando as resoluções e estatutos do movimento integralista, buscamos delimitar onde a influência da experiência fascista italiana pode ser vislumbrada, e pontos em que se afastem.

Um ponto crucial para se compreender a influência fascista e todo o malabarismo argumentativo encontrado nos periódicos visando refutar esta ação, é a necessidade de autonomia e originalidade dos preceitos integralistas, que defendiam, de maneira contraditória, o rompimento com o cosmopolitismo, principalmente no campo das ideias.

Os movimentos primavam pelo anticosmopolitismo, contrário às influências estrangeiras dentro da estrutura nacional, tendo muito mais abrangência na já abordada contraditória rejeição integralista a esta influência. Contudo, se encontram de forma explicita referências às influências fascistas nos periódicos, além das encontradas implicitamente nos programas e doutrinas integralistas.

Todo o aparato midiático era utilizado pelo movimento integralista, desde jornais, revistas até o audiovisual, assim como nos movimentos de massa fascista. No entanto, se trata

muito mais de uma nova política voltada às massas, que surgira no início do século XX, do que um mimetismo quanto às práticas italianas.

Através dessas ferramentas midiáticas e de forte aparato pedagógico e doutrinário, buscaram estabelecer uma revolução espiritual que objetivava a criação de um novo homem, inspirado no princípio de devoção total à nação e à coletividade nacional. Conforme analisamos no decorrer do trabalho, esses ideários, aliados ao princípio de um Estado forte e centralizador, fundado num nacionalismo mítico e espiritual, eram a base do fascismo.

Podemos analisar a influência no estabelecimento de uma figura "messiânica", comandante único, chefe natural e carismático, destinado a encaminhar a pátria ao destino histórico. Salgado emulava os instintos de líder e de chefe autoritário e mítico que Mussolini possuía na Itália. Os líderes se baseavam no carisma e na mitificação da predestinação dos destinos de seus povos. Salgado buscou estabelecer os mesmos parâmetros utilizados pelo Duce, seguindo a formulação de milícias e ritos, embora a milícia italiana utilizasse a violência de forma muito mais contundente e organizada do que os integralistas, restritos a combates esporádicos com militantes comunistas.

Buscamos no desenvolvimento do trabalho evidenciar as influências fascistas no desenvolvimento de regimentos internos que davam conta das mobilizações sociais e da situação de seus milicianos, através de comunidades de cooperação e participação para homens, mulheres e para a juventude.

Os simbolismos e rituais, propagados e estabelecidos como forma de integrar o cidadão com a sacralidade do partido fascista italiano, podem ser encontrados de forma semelhante no movimento integralista, desde rituais de adesão, exclusão e falecimento, às paradas milicianas que demonstravam a força da adesão ao movimento. Os uniformes milicianos, as honrarias e os regimentos internos de ordem também se faziam presentes.

No entanto, algumas diferenças são encontradas, por não se tratar absolutamente de um mimetismo. No que concerne ao nacionalismo, corretamente, os integralistas listam diferenças entre estes movimentos nacionalistas, como "as bases racistas" do nacionalismo alemão, e o italiano, que "sem ser racista, é imperialista[163]".

O Integralismo sustentava o "espiritual sobre o moral, o moral sobre o social, o social sobre o nacional, e o nacional sobre o particular", enquanto o Estado alemão "tudo subordina

---

[163] *O Integralista*, São Paulo, Ano IV, nº7. Jun. 1936, p.1

aos interesses da coletividade de sangue alemão, não reconhecendo acima desses, os direitos intangíveis da pessoa humana", "invertendo a hierarquia natural", colocando o nacional acima do humano. Considera o Estado italiano "aproximadamente nas mesmas condições, não chegando, entretanto, a querer criar uma religião nacional[164]".

Conquanto neguem influencias de regimes exógenos, principalmente do fascismo italiano, propagam em seus periódicos que o "Estado fascista contém o liberalismo e o supera", "se servindo da liberdade, quando é útil" e "refreia a liberdade quando ela é danosa"; que "contém a democracia e a supera", "porque faz o povo participar da vida do Estado na medida do necessário", e por resolver os problemas da vida do Estado sobrepondo "considerações contingentes dos indivíduos"; além de conter e superar o socialismo, por não se utilizar de um "sistema de produção coletiva que acabaria por suprimir todo espirito da economia e absorver o útil do processo produtivo[165]". Assim, "é evidente que não podemos deixar de ter uma enorme admiração por Mussolini e pelo clima heroico que soube criar na Itália fascista[166]". Desta forma, encontramos referências diretas ao fascismo italiano, conforme fora objetivado neste projeto. Embora refutem influências diretas, elas são encontradas explicitamente, de forma que a comprovação desta independência teórica fica comprometida.

O integralismo defendia o nacionalismo através da exaltação da figura heroica e da tradição brasileira, de modo a criar um caminho pavimentado para a transformação nacionalista radical da sociedade. Era olhando para as tradições do passado que o integralismo visava o futuro da nação. Um pouco diferente do nacionalismo italiano, que se assentava nas glorias históricas da nação para erguer sua hegemonia.

Os dois primavam pelo anticosmopolitismo, contrário às influências estrangeiras dentro da estrutura nacional, tendo muita mais abrangência na já abordada contraditória rejeição integralista a esta influência.

Podemos afirmar que ao analisar um boletim que continha doutrina e estatutos, o Integralismo trilhou um caminho distinto: a teoria precedeu a prática, a formação da doutrina se antecipou à ação política que nunca se transformou em regime, devido à rejeição da sociedade brasileira a este plano político e social. Enquanto a doutrina fascista fora criada

---

[164] *O Integralista*, São Paulo, Ano IV, nº7. Jun. 1936, p.1
[165] *O Integralista*, São Paulo, Ano I, nº1. Nov. 1932, p.1
[166] *O Integralista*, São Paulo, Ano III, nº 5. Jun. 1935, p.2

também através da experiência cotidiana do regime, o integralismo buscou fundamentar um bem estruturado estatuto, que lhe permitisse posar como ideia no imaginário nacional.

O espiritualismo integralista era muito mais ligado ao catolicismo, embora o fascismo também exalte uma pátria com Deus e chegou a pactuar com o Vaticano as relações e recíprocas influências na sociedade italiana. No entanto, Salgado convoca o catolicismo de maneira muito mais ampla e explícita, ao vislumbrar a revolução nacionalista que resultaria na nação integralista e espiritual.

Plínio Salgado construiu uma doutrina onde fundiu as aspirações da tradição brasileira aos aspectos mais amplos do fascismo, como o protecionismo, nacionalismo, corporativismo, simbolismos, partido forte, rituais e a pretensa de um Estado totalitário. Contudo, a Ação Integralista convivia com um contexto dominado por um líder nacional como Vargas, autoritário e popular, o que relegou sua ação apenas a propagandas e gestos simbólicos, à margem do poder no Brasil. De acordo com Paxton (2007, p.186-194) os movimentos fascistas não se desenvolveram em locais onde encontraram no poder lideres autoritários, pois suas pretensões não eram compatíveis com papeis secundários.

A tentativa legalista da AIB de participar de eleições diretas foi abortada por Vargas, não sendo possível verificar se todo o aparato construído em torno de um pretenso Estado Integral e das aspirações míticas de Plínio Salgado surtiriam efeito. No mais, como abortaram uma revolução por outras vias, recorrendo a uma tentativa frustrada de golpe apenas após verem seu partido ser extinto pelo regime do Estado Novo e Salgado ser relegado perante o governo, permaneceram apenas como movimento de extrema-direita, bem estruturado, recheado de simbologias e misticismo, negados pela realidade política nacional.

Embora tentem evitar alusões explícitas ao fascismo italiano, os integralistas claramente seguem tendências políticas dos anos vinte e trinta, propagados pelos fascistas. Buscam, contudo, negar a influência direta do fascismo no integralismo, por serem nacionalistas e pregarem a originalidade do movimento.

Contudo, como analisamos através dos periódicos, havia uma certa convergência com o fascismo italiano, mesmo que não houvesse uma influência direta e mecânica. Assim, embora não se trate de simples mimetismo ideológico - uma vez que o integralismo buscou adaptar os pontos que mais lhe convinham na construção de um ideário conservador, dentro de uma realidade distinta da encontrada na Europa -, acompanhamos nesses periódicos a grande admiração pelos regimes europeus de marca fascista, e sobretudo o fascismo italiano que teve uma influência variada na formulação das propostas políticas da Ação Integralista Brasileira.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.
BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Sob a Sombra do Eixo: Camisas Verdes e o Jornal Integralista Acção (1936-1938).* Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007
BERTONHA, João Fábio. "Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil" IN: *Revista Brasileira de História*, 2000, São Paulo, v. 21, nº 40.
BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália fascista*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
BOBBIO, Norberto. *Do Fascismo à Democracia: Os regimes, ideologias os personagens e as culturas políticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
BRUSANTIM, Beatriz de Miranda. *Anauê paulista: um estudo sobre a prática da primeira cidade integralista do Estado de São Paulo (1932-1943*). Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Campinas.
CALIL, Gilberto Grassi & SILVA, Carla Luciana. *Velhos Integralistas - A Memória de Militares do Sigma.* Porto Alegre: EdiPUC-R
CARNEIRO, Márcia. *Memória e integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro Dissertação* (Mestrado em História) –Curso de Pós-Graduação em História, UFF, Rio de Janeiro, 2002
CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: Ideologia e Organização de Partido de Massa no Brasil (1932-1937).* Baurú: EDUSC, 1999
CHAUÍ, Marilena. "Apontamentos para uma crítica à Ação Integralista Brasileira". In: *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra
CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A celebração do Integralismo no projeto de uma enciclopédia*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, 2002
COLLOTTI, Enzo. *Fascismo, fascismos*. Lisboa: Caminho, 1992.
CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1992
DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1978.
________________. *Entrevista sobre o fascismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
DOTTA, Renato Alencar. A Imprensa Integralista de São Paulo e os Trabalhadores Urbanos. In SILVA, Giselda B. (Org.). *Estudos do Integralismo no Brasil.* Recife: Editora da UFRPE, 2007.
DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997
FREITAS, Marcos Cezar de. *O Integralismo: Fascismo Caboclo*. São Paulo: Editor Ícone, 1998.
GENTILE, Emilio. *Fascismo: historia e interpretación.* Madrid: Alianza, 2004.
GENTILE, Emilio. *A Itália de Mussolini e a origem do Fascismo*. São Paulo: Ícone, 1988.
HOBSBAWN, Eric John. *A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
MEDEIROS, Jarbas; *Ideologia autoritária no Brasil, 1930 – 1945*. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1978.
KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo.* Rio de Janeiro: Graal, 1977

LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1980

MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. IN: Giovanni LEVI (org), *História dos jovens, vol. 2,* São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp. 259-290.

MAZOWER, Mark. *Continente sombrio. A Europa no século XX,* São Paulo: Cia das Letras, 2001

OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. Imprensa Integralista, *Imprensa Militante (1932-1937*). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, PUC-RS, Porto Alegre, 2009.

PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*, Lisboa: Dom Quixote, 1970.

PARENTE, Josênio C. Anauê: *Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Editora UFC, 1999

PASCHOALETO, Murilo Antonio. *O Integralismo e o Mundo: uma análise das percepções internacionais do integralismo a partir do jornal A Offensiva (1934-1938).* Maringá, UEM: 2012 (dissertação de mestrado em História).

PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo.* São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. *O Integralismo, de Hélgio Trindade, quarenta anos depois: uma crítica à sua recepção*. Antíteses, Londrina, v. 7, n. 14, p. 324-347, jul./dez. 2014.

REGIS, João R.. "*Galinhas-Verdes": O Integralismo em Limoeiro do Norte (1934-1937).* Fortaleza: 1996, Mimeo.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

SASSOON, Donald. Mussolini e a ascensão do fascismo. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SCHMIDT, Patrícia, *O discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação,* UFSC 2008

SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha - Imaginários Anticomunistas Brasileiros (1931-1934).* Porto Alegre, EdiPUC-R

SKIDMORE, T. *Brasil: de Getúlio a Castelo.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

TAVARES, J. N. *Conciliação e radicalização política no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano.* São Paulo: Ática, 1986.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. 2ª Edição revista e ampliada. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

________________. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In. FAUSTO, Bóris(dir.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano. Tomo III,* v. 3. Sociedade e Política (1930-1934), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_______________ . *Nazi-Fascismo na América Latina.* Porto Alegre - RS: Editora da Universidade, 2004.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira*: Análise do Discurso Integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ZANELATTO, João Henrique, *Integralismo: o fascismo brasileiro em Santa Catarina,* 2001.